

Ministério

na revista **Ministérios de igreja**
janeiro-fevereiro de 2012



Exemplar avulso: R\$ 10,80



Edição
especial

fundamentos da **bendita
esperança**





Unidos na proclamação

Nossos movimentos de evangelismo integrado estão consolidando a unidade, destacando nossa identidade de portadores de esperança, integrando todas as áreas da igreja no cumprimento da missão e levando-a a ousar mais pelo poder do Espírito Santo.

Cada um dos projetos realizados tem três características básicas: simplicidade, relevância e ousadia. Mas, para que possam continuar a se fortalecerem, precisamos da união de todos. Não podemos dividir forças, estratégias nem prioridades. Devemos multiplicar criatividade, gerando ações de apoio. Quando isso acontece, o projeto deixa de ser geral e passa a ser pessoal, potencializando seus resultados.

Como pastor, você pode ter planos diferentes do grande movimento da igreja, mas, se agir solitário, vai acabar se enfraquecendo como a brasa longe da fogueira. Boas iniciativas, porém isoladas e independentes, acabam não se tornando relevantes, impactantes nem abrangentes. Têm pouco efeito.

Precisamos dar as mãos e unir forças para realizar grandes coisas para Deus e esperar grandes coisas d'Ele. Precisamos avançar juntos. Precisamos nos unir na Terra para podermos chegar juntos ao Céu.

A esperança da vinda de Cristo é o motivo de todos os nossos projetos de evangelismo integrado. Por isso, esta edição de *Ministério* amplia, fortalece, reafirma e alimenta a mensagem da vinda de Jesus. Enquanto se multiplicam as “profecias” de catástrofes para o fim do mundo em 2012, pelo poder do Espírito Santo, vamos proclamar a esperança, trabalhando juntos em seis frentes de ação:

Reavivamento e reforma. Nosso desafio é levar cada membro da igreja a buscar a Deus na primeira hora do dia, clamando pelo batismo do Espírito Santo. Vamos fazer isso através do Seminário de Enriquecimento Espiritual e Jornada Espiritual. No dia 10 de março, envolveremos a igreja em um programa de jejum e oração. Nesse dia, o sermão será pregado via satélite, pelo pastor Ted Wilson, presidente mundial da igreja.

Impacto Esperança. A meta é distribuir pelo menos 25 milhões de livros *A Grande Esperança*, no dia 24 de março. Vamos entregar um livro em cada casa de nosso

território, seguindo o mapa, a fim de que ninguém fique de fora. No fim do dia, reúna a igreja para uma cerimônia de celebração e apresentação de testemunhos. Devemos unir a esse trabalho a distribuição do livro *O Grande Conflito*, que é a obra completa e estará disponível a preços acessíveis. Trabalharemos também através da internet. Queremos distribuir dez milhões de livros online. Acesse os sites www.esperanca.com.br e www.esperanzaweb.com, para obter mais informações. Também no dia 24 de março, será realizado o conhecido projeto “Vidas por Vidas”, envolvendo jovens no serviço à comunidade, por meio da doação de sangue e medula óssea.

Amigos da esperança. Cada membro da igreja deve ser motivado a convidar um amigo para uma programação especial na igreja, no dia 31 de março. Esse programa acontecerá uma semana após o “Impacto esperança”. Todas as campanhas precisam estar ligadas, a fim de que haja continuidade e uma colheita especial.

Semana Santa. Será realizada nos dias 1 a 8 de abril, começando preferencialmente nos lares e encerrando-se no fim de semana (sexta-feira a domingo) na igreja.

A continuidade desse movimento precisa acontecer através dos pequenos grupos, classes bíblicas e duplas missionárias.

Evangelismo via satélite. Esse será o fechamento do programa, com a participação do pastor Alejandro Bullón, nos dias 3 a 10 de novembro (a partir de Lima, Peru) e 17 a 24 de novembro (a partir de São Paulo).

Plantio de novas igrejas. Cada distrito pastoral deve estar comprometido com o plantio de uma igreja durante o ano.

Participe de cada passo desse movimento. Sob o poder do Espírito Santo, vamos entregar um livro em cada casa, ajudando assim a apressar o dia de irmos para nossa verdadeira casa. Aproveite a leitura desta revista para fortalecer sua esperança, aprofundar seu conhecimento e pregação; mas, especialmente, para reafirmar o compromisso de avançarmos todos juntos no cumprimento da missão. Será maravilhoso se pudermos ver Cristo voltando em nossa geração! ▀

“Boas iniciativas isoladas e independentes podem acabar tendo pouco efeito”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos Santos

Ilustração da Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Elbert Kuhn;
Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;
Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel
Marín; Edilson Valiante; Geovane Souza;
Horácio Cayrus; Ivanaudo B. Oliveira;
Jair Garcia Góis; Leonino Santiago; Luíz
Martínez; Nelson Suci; Salomón Arana;
Samuel Jara.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 52,10

Exemplar Avulso: R\$ 10,80

 **CASA
PUBLICADORA
CASA
BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Tiragem: 5.000 exemplares

5499/25598



Uma iniciativa divina

Inegavelmente, algo existe no projeto de distribuição do livro *O Grande Conflito* que o torna especial, em relação a todos os outros projetos missionários nos quais a igreja esteve envolvida. E não se trata meramente do entusiasmo contagiante com que os líderes o promovem, nem da resposta pronta, vibrante e espontânea da igreja, que, em muitos casos, antecipa o calendário da distribuição e colhe expressivos resultados.

Deixemos que fale a autora do livro, e tiremos nossas conclusões a respeito do diferencial deste projeto: “*O Grande Conflito* deve alcançar ampla circulação. Ele contém a história do passado, do presente e do futuro. Em sua exposição das cenas finais da história desta Terra, ele dá um poderoso testemunho em favor da verdade. Estou mais ansiosa de ver ampla circulação deste que de qualquer outro livro que eu tenha escrito; pois em *O Grande Conflito*, a última mensagem de advertência ao mundo é dada mais distintamente que em qualquer dos meus outros livros.

“Se ainda não o fizeram, admoesto-lhes a que leiam cuidadosamente essas solenes advertências e apelos. Estou certa de que o Senhor apreciaria ver esta obra levada a todos os caminhos e valados, onde há pessoas a ser advertidas do perigo prestes a vir.

“O Senhor tem posto perante mim assuntos de urgente importância para o tempo presente, e que alcançam o futuro. Numa incumbência a mim entregue foram-me ditas as palavras: ‘Escreve num livro as coisas que tens visto e ouvido, para que vá a todos os povos; pois é chegado o tempo em que a História passada se repetirá.’ Tenho sido despertada a uma, duas, ou três horas da manhã, com algum ponto a exercer forte impressão em minha mente, como se proferido pela voz de Deus.

“Foi-me mostrado... que eu deveria dedicar-me a escrever os importantes assuntos do volume 4 [*O Grande Conflito*]; que a advertência devia ir aonde não pode ir o mensageiro em pessoa, e que ela deveria chamar a atenção de muitos para os importantes eventos a ocorrer nas cenas finais da história deste mundo.

“Aprecio o livro *O Grande Conflito* mais que prata e ouro. Desejo profundamente que ele vá perante o povo. Enquanto eu preparava o manuscrito de *O Grande Conflito*, muitas vezes estive consciente da presença dos anjos de Deus” (*O Colportor-Evangelista*, p. 127, 128).

Frequentemente, ao promover algum projeto missionário, temos dito que ele “nasceu na mente e no coração de Deus”. Talvez devamos admitir que, às vezes, isso soa como arroubo promocional. Porém, esse não é o caso do projeto “A grande esperança”. A julgar por essas declarações, o recado de Deus parece muito claro e direto. Isso faz diferença. Praza aos Céus que esta seja a última iniciativa missionária da igreja; o início do fim do drama do pecado! 

Zinaldo A. Santos

8 PALAVRA EMPENHADA

10 EXPECTATIVA APOSTÓLICA

13 PREVISÕES ENGANOSAS

15 UMA DECLARAÇÃO SURPREENDENTE

18 O FUTURO REVELADO

20 POR QUE CRISTO AINDA NÃO VEIO

22 "ESPERANDO E APRESSANDO"



Ilustração: Thiago Lobo

25 ESPERANÇA QUE CONFUNDE

28 O FENÔMENO 2012

31 A ÚLTIMA BATALHA

33 LAR, ENFIM

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“Melhor do que um título para o mais nobre palácio da Terra é o título para as mansões que nosso Senhor foi preparar. E melhor que todas as palavras de louvor terreno, serão as do Salvador aos servos fiéis: ‘Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo’” – Ellen G. White



Foto: Divulgação Associação Geral

Esperança para o mundo

“Estou certo de que há poder no livro O Grande Conflito, e fico imaginando o que o Espírito Santo fará com os milhões de exemplares que serão distribuídos”

por Willie E. Hucks

Durante este ano, a igreja adventista do sétimo dia estará vivenciando mais uma experiência marcante de evangelização em massa. O projeto tem abrangência mundial e envolve a distribuição do livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White. De fato, a campanha já começou e avança de maneira acelerada em muitas regiões, com expressivos resultados.

O pastor Delbert W. Baker é o líder da comissão coordenadora do projeto. Nascido na Califórnia há 58 anos, ele obteve mestrado

em Divindade na Universidade Andrews, sendo também PhD em Comunicação pela Universidade Howard e autor de 22 livros. Ao longo de sua carreira ministerial, iniciada em 1975, Baker trabalhou como pastor de igreja, editor da revista *Message*, professor de religião na Universidade Loma Linda, reitor da Universidade Oakwood, até ser nomeado, em 2010, como um dos vice-presidentes da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Casado com Susan Lee, é pai de três filhos.

Nesta entrevista, o pastor Baker fala sobre o projeto evangelístico “A Grande Esperança”.

Ministério: Qual é o objetivo da iniciativa de distribuição do livro *O Grande Conflito*?

Baker: O objetivo dessa campanha é despertar o público leitor para os acontecimentos descritos no livro. Trata-se de um projeto que permite aos nossos amigos e vizinhos o conhecimento de uma das mais significativas mensagens, ou seja, a grande controvérsia entre o

bem e o mal. O fim triunfante do bem sobre todo mal e sofrimento que experimentamos nesta vida. É a bendita esperança. Assim, partilhar esse livro é nossa maneira de dizer ao mundo: “Aqui está uma mensagem simples, inspiradora e desafiadora, que desejamos tornar conhecida.” Necessitamos fazer alguma coisa grande e corajosa para disseminar a mensagem que Deus nos deu.

“Temos a convicção de que a mensagem de O Grande Conflito é a que deve ser partilhada em nossos dias”

Ministério: Qual é o plano geral para a distribuição do livro?

Baker: Inicialmente, não queremos ser dirigidos por números. Queremos que o Espírito Santo nos leve a distribuir o maior número possível de exemplares. Mas, cremos que Deus inspirará nossos irmãos a distribuir milhares. Faremos nosso melhor e veremos o que Deus fará. O ponto principal é que desejamos distribuir o livro *O Grande Conflito*, um livro cheio do Espírito que o povo necessita ter, ler e ser transformado pela mensagem nele contida. Para isso, todas as instâncias, organizações, instituições e ministérios da Igreja estão convocados para espalhá-lo como folhas de outono. Quantos exemplares distribuiremos? Não sabemos nem queremos estar limitados a números. Mas faremos o máximo sob a unção do Espírito Santo.

Ministério: Quais são os benefícios que o senhor identifica nesse grande projeto?

Baker: Penso que há muitos benefícios concretos. Primeiro: *O Grande Conflito* nos dá uma versão em tempo real da liberdade religiosa através dos tempos. Desde o início,

as pessoas têm lutado pelos princípios básicos de liberdade religiosa e de escolha, da habilidade para decidir servir a Deus, de acordo com a consciência. Essa é uma mensagem relevante para hoje. Nem todos escolherão o adventismo, mas todos devem ter o direito de escolher. O segundo benefício é a abordagem do tema da controvérsia entre Cristo e Satanás, o bem e o mal, o positivo e o negativo. Cristo é maravilhosamente apresentado como Salvador, Senhor e Rei vindouro. O terceiro é que o livro tem uma forma de aplicação prática da história à nossa vida. Quando lemos os relatos sobre Zuínglio, Lutero, Calvino, as lições deles aprendidas sobre reforma não podem ser relegadas ao distante passado, mas devem ser aplicadas à nossa vida hoje. Finalmente, no livro, Ellen G. White, com visão profética, fala dos eventos finais. As pessoas precisam conhecer o que ela escreveu. Hoje, há muito interesse pelo futuro. As pessoas querem saber o que ele trará e como será. *O Grande Conflito* responde a essas questões. Embora no passado já tenhamos distribuído outros livros de Ellen G. White, este é o tempo para distribuir *O Grande Conflito*. Temos a convicção de que a mensagem desse livro é a que deve ser partilhada em nossos dias.

Ministério: Anos atrás, estivemos envolvidos no projeto “Diga-o ao mundo”. Atualmente, estamos incentivando a busca de reavivamento e reforma. Como o senhor liga o projeto “Grande esperança” aos anteriores?

Baker: Todos esses projetos estão inextricavelmente juntos; não podemos separá-los. Na verdade, o projeto “Diga-o ao mundo” é o guarda-chuva sob o qual os demais se encontram. Então, temos o chamado ao reavivamento e reforma, experiência através da qual somos inspirados, habilitados e capacitados a fazer alguma coisa. Portanto, é um projeto-chave. Assim, impulsionados pelo Espírito de

Cristo, distribuiremos *O Grande Conflito*, que é o instrumento para executarmos o projeto “Diga-O ao mundo”. Com os três projetos, temos coração e mãos a serviço da missão. Temos em mente os desafios específicos das várias partes do mundo, como é o caso da “janela 10/40”, por exemplo. Cada Divisão do Campo mundial tem liberdade para fazer versões do livro, de modo que tenha garantida a liberdade para fazer o que precisa ser feito dentro da respectiva realidade. Não importa se o livro será distribuído impresso em papel, digitalmente, em vídeos, *podcasts*, filmes e outros meios oferecidos pela mídia. Faremos o que for necessário para distribuí-lo, e estamos abertos a sugestões. Depois de termos incentivado a leitura do livro, entre os membros da igreja, no ano passado, em 2012 e 2013, vamos distribuir milhões de exemplares em todo o mundo.

Ministério: Em suas viagens pelo mundo, e mesmo em sua experiência como pastor, o senhor tem observado alguma experiência marcante relacionada ao livro *O Grande Conflito*, ou ao projeto de distribuição dele?

Baker: Sim; há muitas. Uma das que me lembro agora é a experiência de um ancião em uma das igrejas que pastoreei. Durante muitos anos, antes de se tornar adventista do sétimo dia, esse homem era destituído de qualquer consideração ou dignidade. Vivia entregue ao vício do alcoolismo e à promiscuidade, sem esperança de qualquer coisa boa na vida. Sem lar, em suas andanças pelas ruas, certo dia ele se deparou com um pedaço do livro *O Grande Conflito*; nem era o livro completo. Mesmo no estado de embriaguez, ele começou a lê-lo. Depois, o guardou numa sacola com outros parcos objetos pessoais. Numa ocasião em que estava sóbrio, voltou a ler o livro com interesse crescente e, no fim da leitura, encontrou o endereço de uma igreja adventista. Decidiu visitá-la, foi bem recebido

pelos membros, recebeu estudos bíblicos e foi batizado. Tudo a partir de um pedaço do livro *O Grande Conflito*. Aquele homem tinha chegado ao ponto mais baixo na vida, mas as palavras desse livro lhe abriram a porta da transformação. Um colega me contou a história de um homem, na América do Sul, que recebeu um exemplar de *O Grande Conflito* e, embora já fosse cristão, nunca tinha ouvido falar sobre os adventistas do sétimo dia. Começou a ler o livro e resolveu que devia estudá-lo com a família e alguns amigos. Lembre-se: ele não era adventista. Certo dia, encontrou um membro da nossa igreja e o convidou para seu grupo de estudos. Nosso irmão informou que fazia parte da igreja que publicava aquele livro e lhe ofereceu a oportunidade de conseguir outros livros. O homem visitou a igreja adventista, recebeu estudos bíblicos e foi batizado. Hoje é um grande pregador voluntário! Estive na Casa Publicadora Brasileira e ali assisti a um vídeo sobre um homem que era traficante de drogas, até que recebeu um exemplar do livro *O Grande Conflito*. Depois de lê-lo, procurou a igreja adventista e se tornou membro dela. Hoje, ele trabalha para Cristo. Estou certo de que há poder nesse livro, e fico imaginando o que o Espírito Santo fará com os milhões de exemplares que serão distribuídos no mundo! Entretanto, pode haver pessoas que leiam esse livro e encontrem algum problema, porque a mensagem nele contida é contundente. Por isso, estamos trabalhando com o Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa de nossa igreja, desenvolvendo algumas perguntas e respostas, disponíveis em nosso site [www.adventists.org]. Caso

algum membro da igreja questione a distribuição desse livro, nestes dias, ele terá as respostas necessárias.

“Necessitamos fazer alguma coisa grande e corajosa para disseminar a mensagem que Deus nos deu”

Ministério: *O que os pastores podem fazer para o êxito deste projeto?*

Baker: Bem, penso que existem duas maneiras. A primeira é que cada um aceite a mensagem cristocêntrica de *O Grande Conflito*, lendo o livro. Adicionalmente, os pastores podem encontrar maneiras criativas para incentivar os membros das respectivas igrejas a adquirir exemplares e distribuí-los. Os livros são disponibilizados a preços módicos. Os irmãos podem adquiri-los em número suficiente para distribuir durante os dois anos da campanha, entre pessoas conhecidas e desconhecidas, deixando os livros em lugares públicos nos quais eles possam ser apanhados pelas pessoas. Podem deixá-los em lojas, supermercados, barbearias, bancos e outros lugares. Assim, os pastores podem ser o elo em facilitar a distribuição dos livros. Na Divisão Sul-Americana, por exemplo, o presidente está comprometido com a distribuição de pelo menos 25 milhões de exemplares do livro em um só dia. Outras Divisões estão planejando e desenvolvendo suas metas. Essas estão planejando cuidadosamente, porque a logística de um projeto dessa

grandeza é impressionante. Atualmente, editoras adventistas em todo o mundo estão empenhadas em acelerar a engrenagem de suas impressoras para atender a demanda. Assim, pastores, departamentais e administradores de Uniões e Associações têm papel importantíssimo a desempenhar tendo em vista o sucesso do projeto que, sem a ajuda deles, ficará seriamente comprometido. Há também a possibilidade de doações que financiem a remessa de livros para vários lugares do mundo, como África, Austrália, Ilhas Salomão, Caribe, ou qualquer outra parte que necessite de ajuda. Também estamos animando nossos diretores de universidades e faculdades, para que incentivem a participação dos estudantes na distribuição do livro na comunidade e entre colegas não adventistas da instituição. A mesma coisa é solicitada dos diretores das instituições de saúde. Deus prometeu que, se semeamos, colheremos. Acredito firmemente que o projeto “A grande esperança” nos abençoará com resultados imediatos e pelos anos seguintes. Alguém pode perguntar: “Como será feita a ligação do livro com a igreja adventista?” Cada livro deverá conter uma simples e gentil informação, como por exemplo: “Este livro é uma cortesia de seus amigos adventistas”, além do endereço da igreja, informação sobre curso bíblico, site ou telefone para contato. Não tenho dúvida de que Deus tem reservado bênçãos inimagináveis para Sua igreja, por meio deste projeto. ▀





Professor de Teologia,
jubilado, reside em
Engenheiro Coelho, SP

Palavra empenhada

“Voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também”

Segundo pesquisa feita pelo pastor John N. Loughborough, a Bíblia contém nada menos que 3.573 promessas (*Preparai o Caminho*, MM 1972, p. 188). Desde Gênesis 3:15, elas se difundem pelas páginas sagradas incutindo fé, segurança e fortalecimento. As promessas de Deus nos asseguram crescimento na graça (2Pe 1:4-7) e nos estimulam à purificação “de toda impureza” aperfeiçoando nossa santidade no temor de Deus (2Co 7:1). São cumpridas em razão de Seu caráter – Ele não mente (Nm 21:19), e do plano de redenção cumprido em Cristo (2Co 1:20).

Devemos confiar em Suas promessas e sentir a virtude encorajadora que elas encerram. Quem já não se viu fortalecido com a promessa do Salmo 91:15: “na sua angústia Eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei”?

As promessas de Deus são fruto do Seu amor. Por isso, elas se tornam fonte de esperança. A maior esperança decorre da maior promessa, a qual se liga ao plano redentor de Deus, se levamos em conta que não há algo mais importante do que nossa salvação.

Caminhamos para o momento em que esse plano alcançará plena e definitiva aplicação na experiência de quantos tenham Jesus como

Salvador e Senhor. Isso se dará com Sua segunda vinda à Terra. A maior de todas as promessas foi feita pelo próprio Senhor pouco antes de Ele retornar ao Céu: “voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (Jo 14:3). Como disse Paulo, essa é nossa “bendita esperança” (Tt 2:13).

A ênfase da Bíblia sobre a vinda de Jesus é incontestável. São cerca de 2.500 referências. No Novo Testamento, ela é mencionada em média a cada 20 versos. Nunca o Senhor prometeu tanto, nunca Ele cumprirá tanto. Ela tem o aval de Deus, pois Este seria incapaz de insistir num fato que poderia ocorrer ou não. Jesus voltará! Temos a palavra divina empenhada.

Tanta ênfase é porque a vinda de Jesus iniciará a última fase do processo que resulta na erradicação definitiva do pecado. A História chegará ao fim com a restauração plena de todas as coisas. A vinda de Cristo marca esse momento longamente esperado, para o qual as profecias apontam.

Entre todas as esperanças, a vinda de Jesus é a maior. No dia em que Ele Se manifestar, todo membro da família de Deus na Terra se unirá à família de Deus no Céu. Então, “estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4:17).

Falta pouco

Para nossa alegria, constatamos que não está longe o dia em que essa esperança será concretizada; o cumprimento das profecias não deixa dúvida sobre isso. Jesus afirmou: “quando virdes todas estas coisas, saíbeis que está próximo, às portas” (Mt 24:33). “Estas coisas” são os eventos mencionados em Seu discurso escatológico (Mt 24, 25; Mc 13; Lucas 21), indicadores da proximidade do fim. Entre elas estão: angústia entre as nações, homens desmaiando de terror, guerras, fome, pestes, terremotos, surgimento de falsos profetas e falsos cristos operando prodígios, multiplicação da iniquidade e pregação do evangelho a todo o mundo.

Paulo afirmou que os últimos dias seriam tempos difíceis (2Tm 3:1-5), nos quais se vive o apogeu do desregramento moral, da violência, idolatria, aparência de piedade, opressão, corrupção e do desrespeito aos princípios mais elementares de justiça.

Tiago se refere ao conflito entre capital e trabalho “nos últimos dias”, resultando em arrocho salarial por um lado e, por outro, em fortunas acumuladas (Tg 5:1-6). Quem poderia negar o desequilíbrio econômico no mundo, tanto em termos de indivíduos como de nações? Vultosas somas estão nas mãos de poucos, enquanto muitos passam fome.

A isso se somam as advertências dos cientistas quanto aos perigos da poluição atmosférica, do efeito estufa, destruição da camada de ozônio,

redução das reservas de água potável no mundo, e de outros males provenientes dos atentados ecológicos tão comuns hoje; além de outras questões, como explosão demográfica, avanço da Aids e o espectro da fome. Que mais queremos ver que nos convença de que o fim está próximo?

Como será

Segundo Hebreus 9:28, Jesus voltará “sem pecado”, ou seja, não voltará com a missão de morrer por pecadores. O propósito da segunda vinda é outro. Quando Ele voltar, não mais estará sujeito às consequências do pecado, como em Sua primeira vinda. Quando andou na Terra, sentia, como qualquer mortal, fome, sede, fadiga, frio, calor, tristeza, angústia, dor, e foi tentado.

Na primeira vinda, Sua condição de humilhação foi tal, principalmente na hora de Seu sacrifício, que “não tinha aparência nem formosura; olhamo-Lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado e dEle não fizemos caso” (Is 53:2, 3). Porém, ao voltar, virá em glória e “para ser glorificado nos Seus santos e ser admirado em todos os que creram” (2Ts 1:10). Voltará “na Sua glória e na do Pai e dos santos anjos” (Lc 9:26). Será um quadro além do que se pode descrever!

Na ascensão, anjos de Deus reafirmaram a promessa de Sua volta e deram um lampejo de como ela será (At 1:11). Tendo sido literal Sua ascensão, assim será Sua volta. Não será simbólica, como alguns imaginam que a segunda vinda se dá quando a pessoa morre, ou quando se converte. A ascensão foi corporal, Sua vinda será corporal. Ele não virá como espírito desencarnado, pois na ressurreição Seu corpo tornou a viver (Lc 24:36-43; At 1:3, 4). Jesus também não voltará secreta ou invisivelmente, porque assim não foi Sua ascensão. Os discípulos O viram subir. “Eis

que vem com as nuvens, e todo olho O verá” (Ap 1:7; ver Mt 24:30).

Jesus previu que alguns afirmariam que Sua vinda seria invisível, e nos advertiu: “Se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-Lo ali! Não acrediteis... Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-Lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem” (Mt 24:23-27). A figura do relâmpago ilustra a visibilidade da Sua vinda. Ele disse que o relâmpago “se mostra”. Não é necessário que alguém venha contar que Cristo já voltou, pois Sua segunda vinda será testemunhada por todos.

Por que voltará

Jesus voltará para buscar Seus filhos e conduzi-los ao lar que lhes está preparando. Porém, esse é apenas um lado da moeda. A Bíblia informa que os desobedientes e ímpios serão destruídos pela presença do Senhor (1Ts 5:3; 2Ts 1:8, 9; 2:8). O segundo desses textos afirma que Jesus virá “em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Esses sofrerão penalidade de eterna destruição...”

Haverá então dois grupos de salvos. Os que se acham nas sepulturas e os vivos. Os primeiros ressuscitarão incorruptíveis. Os outros serão transformados num piscar de olhos, adquirindo o mesmo estado dos que ressuscitaram: corpo jovem perfeito, sadio e imortal (1Co 15:51-53). Então, os dois grupos de juntarão numa inumerável multidão que será arrebatada “para o encontro com o Senhor nos ares” (1Ts 4:17).

Hoje, fala-se muito no arrebatamento secreto. Entretanto, não há uma única passagem bíblica que ao menos sugira esse tipo de arrebatamento da igreja, anos antes da segunda vinda de Jesus; nem noutra ocasião qualquer. O único arrebatamento dos crentes é o descrito em 1 Tessalonicenses 4:16, 17, que não é

secreto. Esse texto fala de alarido, voz de arcanjo, somido de trombetas, mortos ressuscitando, salvos ascendendo ao Céu entre nuvens de glória.

O texto deixa transparecer que o arrebatamento visível dos crentes ocorrerá no dia da manifestação gloriosa de Jesus em Sua segunda vinda; não antes. Ele não pode ser um sinal da proximidade da vinda de Jesus; é um evento a ocorrer por ocasião dela. A Bíblia desconhece qualquer dicotomia entre uma coisa e outra. Os acontecimentos são simultâneos. Aquele que, fundamentado na teoria do arrebatamento secreto da igreja, decide aguardar esse evento, para somente então se preparar para a vinda de Jesus, na esperança de que, depois, ainda haverá sete anos até que Ele venha (de acordo com essa teoria), não se preparará nunca, porque esse tipo de arrebatamento jamais ocorrerá.

Prontidão e vigilância

Viver sob a motivação da vinda de Jesus é ter a vida inteiramente dedicada a Ele, e todos os interesses voltados para o alto (Cl 3:1, 2). É manter a consciência atenta para os solenes acontecimentos que ora se processam e que logo culminarão com o aparecimento do Rei da glória.

Vivemos o tempo áureo tanto do cumprimento profético como da especulação profética. Isso nos deve manter duplamente prevenidos: enquanto devotamos total atenção à maneira pela qual Deus está conduzindo a História e cumprindo cada lance de Seu propósito salvador, cumpre-nos estar alertas contra ensinamentos distorcidos e que nos desviarão do caminho por Ele proposto.

Diante dos eventos finais hoje em andamento, Jesus nos desafia com a necessidade de nos mantermos sóbrios, de vigiar e orar (Lc 21:34, 36). Sua vinda a este mundo será a culminação da História e a concretização de todos os sonhos e esperanças. Cumpre-nos estar prontos, hoje, para que quando Ele Se manifestar, sejamos por Ele recebidos e com Ele desfrutemos a eternidade. ▀



Ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Expectativa apostólica

Os cristãos primitivos entendiam que a existência presente deve ser vivida em função da segunda vinda de Jesus

É próprio do ser humano viver em constante expectativa. Como criaturas do tempo, não podemos escapar da sua fluência e das mudanças que resultam disso. O tempo passa por nós e através de nós, obrigando-nos a olhar para o que virá adiante. Mesmo quando olhamos para trás, estamos buscando nos reassentar e reorientar para enfrentar o futuro. Como resultado do modernismo, muitos intelectuais excluíram do pensamento as expectativas que transcendem nossa limitada existência humana. Porém, o princípio da expectativa teimosamente permanece agora circunscrito à tecnologia e à ciência como fontes que produzirão um mundo melhor para a humanidade. Infelizmente, para eles, toda esperança que não ultrapasse os limites da existência humana acaba em desespero.

Esperança e expectativa

No Novo Testamento, a palavra grega *elpis* significa “expectativa” e “esperança”, implicando que os crentes aguardam o que é bom em um mundo no qual aparentemente o mal prevalece. O apóstolo Paulo personificou a criação e declarou que ela e os seres humanos gemem e esperam em “ardente expectativa” (*apekdechomai* = “esperar zelosamente”) a consumação da redenção através de Cristo. Paulo se referiu a essa expectativa como “esperança” (Rm 8:19-25; Gl 5:5).

A vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus infundiram significado e esperança inauditos à

existência humana. A comunidade de fé criada por Ele foi edificada no significado salvador e na eficácia da cruz, enquanto antecipava com grande expectativa a consumação da salvação. A igreja apostólica entendia que a existência presente deve ser caracterizada pelo anseio e ardente desejo pela presença real do Senhor em Sua gloriosa vinda. Esse senso de expectativa determinou tudo o que os cristãos primitivos faziam e exerceu grande impacto na vida deles.

Promessa e esperança

A confiabilidade e fidelidade de Deus são o ponto de partida para

a esperança (Hb 10:23). Para os apóstolos, Cristo era o prometido Messias; portanto, o que eles proclamavam era a “esperança de Israel” que havia se tornado realidade em Cristo (At 28:20). Promessa e esperança estavam juntas no discurso de Paulo diante de Agripa. Disse ele: “E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais” (At 26:6). Para os apóstolos, o fato de que as promessas salvíficas de Deus, relatadas no Antigo Testamento, tinham se tornado realidade em Cristo demonstrava que Deus é capaz de cumprir o que promete.

A indissolúvel conexão entre promessa e esperança é determinada pela origem divina comum a ambas e contribui para enriquecer o conteúdo de cada uma. Ambas nos alcançam através da Palavra. Teologicamente falando, podemos sugerir que, antes de a esperança se realizar na história humana, ela existe na forma de promessa divina. A Escritura, como portadora das promessas de Deus para nós, se tornou nossa fonte de esperança na forma de uma promessa, e uma esperança à nossa fé e confiança em Deus (Rm 15:4; Gl 5:5).

Se a esperança está firmada na confiabilidade das promessas de Deus, a esperança cristã é a mais confiável esperança humana, porque Deus, de uma forma incomparável, demonstrou através do ministério, vida, morte e ressurreição de Jesus, que Ele cumpriu Sua mais audaciosa promessa para nós: salvação por meio do Seu Filho. A fé apostólica estabelece firme ligação entre a morte salvadora de Jesus e Sua segunda vinda: “Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a Si mesmo Se deu por nós, a fim de nos remir de toda iniquidade...” (Tt 2:13, 14). Em outras palavras, a ligação entre a segunda vinda de Cristo e Sua morte sacrificial provê fundamento histórico e teológico para a esperança cristã que flui da confiabilidade das promessas de

Deus e a fidelidade de Seu caráter (Hb 6:17-19). Tal esperança é um dom da graça divina para aqueles que dela necessitam (2Ts 2:16). A ausência dessa esperança no coração humano torna desesperadora a existência (Ef 2:12).

“E a si mesmo se purifica todo aquele que nEle tem essa esperança, assim como Ele é puro”

A certeza da esperança

A expectativa dos apóstolos quanto à vinda do Senhor nunca foi concebida por eles como um desejo vazio de certeza; uma utopia. No Novo Testamento, a esperança cristã é compreendida como “viva esperança” diretamente relacionada à ressurreição de Jesus (1Pe 1:3). A ligação da esperança com Jesus é tão forte que ambos estão mutuamente identificados – “Cristo Jesus, nossa esperança” (1Tm 1:1). As implicações disso são extremamente significativas e teologicamente ricas. A esperança não é algo que atualmente existe na mente humana como um sonho e uma expectativa. A esperança cristã é uma realidade fora de nós, que no futuro próximo irromperá com poder em nosso tempo e espaço mudando radicalmente a condição e o *habitat* humanos. Agora, ela nos “está preservada nos Céus” (Cl 1:5), mas então será uma realidade objetiva.

Como pode ser isso? A resposta apostólica é: O que esperamos e anelamos ardentemente já é uma realidade em Cristo Jesus. Em outras palavras, o Novo Testamento nos provê uma compreensão cristológica da esperança. Poucos exemplos são suficientes para apoiar essa sugestão. A esperança cristã prevê a ressurreição dos mortos, na segunda vinda (At 24:15), mas esse evento já aconteceu com um Ser humano, o Filho de Deus (At 2:32). Ele rompeu as cadeias da sepultura e, nesse processo, venceu o poder da morte. Podemos dizer que a ressurreição de Cristo antecipou

nossa futura ressurreição: “Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem... e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4:14, 16).

Não há incerteza na expressão apostólica da esperança cristã. Também esperamos por nossa glorificação, na vinda de nosso Senhor (Rm 5:2), seguros de que isso ocorrerá porque Deus ressuscitou Jesus e O glorificou (1Pe 1:21). Agora, Ele é nossa “esperança da glória” (Cl 1:27). O conteúdo da esperança apostólica inclui vida eterna (Tt 1:2; 3:7), mas no tempo presente nossa vida está escondida com Cristo em Deus: “Quando Cristo, que é nossa vida, Se manifestar, então, vós também sereis manifestados com Ele, em glória” (Cl 3:4). Vislumbramos uma nova Criação, mas Jesus já introduziu essa nova criação para aqueles que estão nEle (2Pe 3:13; Ap 21:1; 2Co 5:17; 1Pe 1:3). O conteúdo de nossa esperança é uma realidade objetiva em Cristo e no que Ele realizou por nós. A esperança apostólica não pertence ao campo dos sonhos humanos, mas está firmemente enraizada na obra e pessoa do Filho de Deus.

Na vida cristã

Por sua própria natureza, a esperança está direcionada para o futuro como o lugar do qual ela será desvelada para nós, dentro da nossa história. Mas, uma esperança que não faz diferença nas condições existentes da vida humana é desprovida de valor e significado. A esperança apostólica não se desliga das realidades do presente; ela corajosamente aborda essas realidades. Faz isso nos âmbitos pessoal e coletivo, mas também na interação social dos crentes com o mundo inteiro. Isso é indicado no Novo Testamento, através da associação do conceito de esperança com outras terminologias e outros conceitos.

Esperança e amor. Paulo declarou: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1Co 13:13).

A esperança não é incompatível com amor e fé, mas coexiste com ambos na vida cristã (1Ts 1:3). Não é incorreto dizer que os três são inseparáveis porque, por um lado, a esperança orienta a fé em direção ao futuro, desafiando-a a perseverar. Por outro lado, o amor desafia a esperança para agir no presente. A esperança não permite que o amor se torne obcecado por seus imediatos objetos, a ponto de esquecer a consumação da salvação. Mas, o amor torna a existência escatológica futura caracterizada pela libertação do egoísmo e sofrimento, e torna sua presença sentida aqui e agora no cuidado altruísta por outros (Hb 6:10, 11).

O modelo para esse tipo de vida é Jesus, que constantemente proclamava a vinda do reino de Deus como esperança escatológica enquanto, ao mesmo tempo, cuidava do pobre e do necessitado (Mt 4:23). Em Seu ministério, estavam presentes os elementos da expectativa escatológica, a fim de ilustrar a qualidade de vida no reino de Deus. Assim como a fé e a esperança, o amor (*ágape*) não é natural para os seres humanos. Ele foi derramado em nosso coração por meio do Espírito, e isso nos assegura de que nossa esperança não nos desapontará; ela será cumprida (Rm 5:5).

Esperança e santidade. A expectativa apostólica do breve retorno de Cristo une inquebrantavelmente esperança e santidade, indicando que a esperança deveria influenciar constantemente a vida dos crentes. João escreveu: “E a si mesmo se purifica todo o que nEle tem esta esperança, assim como Ele é puro” (1Jo 3:3). A esperança está tão profundamente entrelaçada com a vida dos crentes que ela os santifica, enquanto eles aguardam enternecidamente seu cumprimento. João define essa esperança como a expectativa de ser semelhante a Jesus e vê-Lo na *parousia* (1Jo 3:2). A implicação é que, para podermos ver Aquele que é puro, devemos ser puros. A esperança nos faz acreditar no Espírito, como Aquele que pode nos transformar à

semelhança com o Filho de Deus (Mt 5:8). Estamos nos tornando, agora, no que seremos plenamente no futuro quando “seremos transformados” (1Co 15:52). A ligação entre esperança e santidade não é algo apenas restrito à nossa vida espiritual, mas também envolve o significado ético da esperança cristã (1Ts 5:5-8). Como disse Pedro, devemos “ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus” (2Pe 3:11, 12). A vida ética e moral daqueles que colocaram sua esperança em Jesus reflete a vida de seu Mestre.

Esperança e perseverança. A esperança também exerce impacto na qualidade de nossa vida interior, infundindo-nos coragem. Ela pode ser mudada por um ambiente hostil, mas é precisamente nesse contexto que a esperança inspira perseverança (1Ts 1:3). O que nós aguardamos ardentemente – a gloriosa vinda de Jesus – é um evento tão maravilhoso que nos motiva a perseverar. A palavra grega *hupomoné* expressa a ideia de permanecer fiel ao Senhor, mantendo a esperança, resistindo à opressão, aflição e tentação, enquanto esperamos Sua intervenção (Hb 3:6; 10:23). A força da esperança é tal que pode nos tornar inamovíveis em nosso compromisso com ela e com o Senhor (Cl 1:23). A força interior que a esperança provê aos crentes atesta sua realidade e seu significado em nossa jornada.

Esperança e alegria. A esperança toca a vida dos crentes e a enche de alegria. Paulo exorta a que nos gloriemos na esperança (Rm 5:2; 12:12). Existe algo a respeito da esperança cristã que, ao meditar sobre ela, o crente antecipa seu cumprimento e transborda de alegria. A esperança contém elementos do futuro no presente e começamos a experimentar, agora, a alegria que será nossa quando virmos nosso Senhor vindo em glória. De fato, essa alegria vem do “Deus da esperança” (Rm 15:13). Na Bíblia, a alegria define a natureza da vida na presença de Deus e subs-

titui o sofrimento, tristeza e a dor da morte (Jd 24; Ap 19:7; 21:3-40; cf. Is 35; Jr 31:13). A esperança olha para aquele momento e nos permite antegozá-lo no presente.

Esperança e proclamação.

A riqueza e a beleza da esperança apostólica não podem ser privilégio de poucos. A esperança é universal porque a necessidade humana é também universal. Por natureza, os seres humanos vivem sem esperança em um mundo de pecado e morte (Ef 2:12), mas Deus, em Sua graça, deseja que todos desfrutemos plenitude de esperança. O cristão que recebeu, pela graça e através da obra do Espírito Santo, a esperança da consumação da salvação eterna na *parousia* é impelido a proclamá-la ao mundo. Ele foi escolhido por Deus para “dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo, a esperança da glória” (Cl 1:27).

A esperança cristã instila no coração a urgência de partilhá-la com aqueles que estão à deriva em um oceano de desespero. Os crentes são chamados a estar constantemente “preparados para responder a todo aquele que [lhes] pedir razão da esperança” que têm (1Pe 3:15). Mas isso deve ser feito “com mansidão e temor”, a fim de tornar cativante a esperança.

A expectativa escatológica dos apóstolos relacionada à gloriosa vinda de Cristo continua a enriquecer a vida de milhões de pessoas em todo o mundo; pessoas que estão antecipando constantemente esse extraordinário evento. Essa esperança tem alterado radicalmente a vida delas, enchendo-a com significado e transformando-as em mensageiras de esperança. Para tais pessoas, a constante busca por esperança pode levar cura aos corações cheios de temor e ansiedade. Somos peregrinos de esperança, nos quais a riqueza dela tem sido incorporada em atos de amor e bondade, modelados por Aquele que de fato é nossa esperança – Jesus Cristo. ▀



Previsões enganosas

As datas podem falhar, mas a mensagem do segundo advento continua vigente, até que se cumpra conforme as Escrituras

“O dia não sei do regresso do esposo...”¹ são as palavras do hino evangélico entoado com fervor e resignação, pois embora saibamos que o Senhor Jesus cumprirá Sua promessa de retornar à Terra (Jo 14:1-3), não sabemos quando isso acontecerá. Contudo, alguns crentes, perturbados com a aparente demora da vinda do Salvador, tentaram em muitas ocasiões determinar um dia para a ocorrência da *parousia*.²

Diversas especulações sobre a segunda vinda de Cristo e do fim do mundo têm surgido no decorrer da era cristã, gerando significativas angústias apocalípticas. Ao se buscar um referencial histórico para determinar quando elas iniciaram, percebe-se que a ideia do fim do mundo remonta aos primórdios da humanidade, associado “ao medo de que o sol não mais ressurgisse na primavera, ou sequer no alvorecer”.³

Expectativas

Após Jesus ter pronunciado Seu sermão profético, os discípulos, re-

fletindo preocupação com o tempo, Lhe disseram: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século” (Mt 24:3). No Monte das Oliveiras, pouco antes de Jesus ascender ao Céu, eles externaram mais uma vez a mesma preocupação e Lhe perguntaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (At 1:6). Porém, o Mestre os dissuadiu de enveredar por vãs especulações sobre o tema (v. 7).

Em Tessalônica, os recém-convertidos cristãos acreditavam que o segundo advento de Cristo ocorreria em seus dias, e que as bênçãos desse evento seriam desfrutadas somente pelos vivos. Cada cristão que morria significava profunda tristeza para eles. Ao ser informado por Timóteo sobre o que estava ocorrendo, Paulo procurou tranquilizá-los enviando-lhes uma carta.

As palavras do apóstolo em 1 Tessalonicenses 4:16, 17 foram mal compreendidas naqueles dias. Ele usou o pronome “nós”, referindo-se

aos vivos por ocasião do segundo advento de Cristo e os tessalonicenses entenderam que a *parousia* ocorreria antes da morte deles. Uma vez que Cristo estava prestes a voltar, alguns até mesmo deixaram de trabalhar e passaram a viver da caridade da igreja (2Ts 3:6-12). Foi para esclarecer o assunto que Paulo escreveu a segunda carta (2Ts 2:1).

Muitos cristãos dos primeiros séculos anteviam o segundo advento de Cristo como um apocalipse iminente, e consideravam que esse seria um acontecimento associado à destruição de Roma. Quando a invulnerabilidade da cidade começou a se mostrar incerta, a perspectiva da destruição universal começou a ganhar realismo aterrador. Depois que os godos aniquilaram o exército imperial em Adrianópolis, em 378, Santo Ambrósio, de Milão, que identificava os godos com o Gogue citado por Ezequiel, proclamou: “O fim do mundo se aproxima de nós.”⁴

Mais tarde, a chegada do ano 1000 foi marcada por pressentimentos de

que algo inusitado estava prestes a ocorrer. À meia-noite de 31 de dezembro de 999, o Papa Silvestre II celebrou na Basílica de São Pedro o que ele e muitos fiéis pensavam ser a última missa da História. Com base em Apocalipse 20:7, 8, erroneamente concluíam que o fim do mundo ocorreria quando Satanás fosse solto de sua prisão, mil anos após o nascimento de Jesus.⁵

Alguns séculos mais tarde, importantes figuras da Reforma protestante especularam também sobre o momento em que essa expectativa escatológica se cumpriria. Embora Lutero nunca tivesse fixado uma data específica para o fim do mundo, de acordo com Froom, o reformador do século 16 conjecturou sobre alguns períodos, às vezes 400, 300 ou 200 anos e mesmo para os seus dias, a partir de estimativas especulativas, mantendo algum resquício do método alegórico.

“Até mil irás”

A proximidade do ano 2000 gerou significativa proliferação de profecias e novas especulações sobre o que a tradição apocalíptica denomina “os dias finais”. O misticismo envolvido fez ressurgirem as profecias de Nostradamus (1503-1566).⁶ O alegado cumprimento dessas profecias e o dito popular: “Até mil irás, de dois mil não passarás” soaram como vaticínios escriturísticos na mente dos mais simples, deixando uma sombra de inquietude nos mais letrados.⁷ Apesar de o ano 2000 ter chegado e o novo milênio ter-se iniciado sem que as previsões se cumprissem, a tendência alarmista prosseguiu.

A ameaça de guerra nuclear inspirou passeatas estudantis, assembleias de oração e até uma “maratona de ciclismo”. Livros com pretensa autoridade bíblica em matéria de profecias de desgraças são vendidos aos milhões. Multidões correm aos cinemas para assistir a filmes que especulavam e ainda especulam, como é o caso do filme 2012, que prevê o fim do mundo para esse ano, sobre as possibilidades de destruição e sal-

vação, seja por uma vinda do Messias ou uma guerra global, seja por viagens de fuga para galáxias distantes.

À medida que os anos foram se passando, a ideia de um futuro apocalipse para os homens também assumiu outras formas. Uma delas, segundo Friedrich,⁸ é a possibilidade de uma “catástrofe natural – uma nuvem sufocante de ar poluído, um terremoto sob uma usina atômica, o derretimento das calotas polares, que hoje inspira livros, filmes, previsões astrológicas e jornais clandestinos”.

No último século, observou-se grande expectativa quanto ao dia da vinda de Cristo, relacionando-o a um novo elemento doutrinário surgido: o chamado “arrebato secreto” da igreja. Com base nesse ensinamento, grande parte dos cristãos viu no fato histórico da criação do Estado de Israel, em 1948, uma prova de que o fim do mundo se aproximava. Atualmente, alguns têm adotado posições radicais e extremistas, chegando a provocar acontecimentos que vão desde a espera por uma nave espacial até suicídios coletivos.

Diferentes denominações cristãs têm enfrentado dificuldades com alguns de seus membros que insistem em marcar um tempo específico para a segunda vinda de Cristo e para o fim do mundo. Quando passa a suposta data, esses indivíduos não apenas caem no descrédito, mas causam opróbrio às respectivas denominações e geram descrença na mensagem do segundo advento.

Atitude coerente

As datas podem falhar, mas a mensagem do segundo advento continua vigente, até que se cumpra conforme as Escrituras. O cristão que aguarda a segunda vinda de Jesus, o fim da era do pecado e o início de um mundo melhor, necessita desenvolver atitude equilibrada. Sempre deve ter em mente a realidade de que Jesus em breve voltará, e assim desenvolver um estilo de vida elevado, revelador do fruto do Espírito. Com a convicção da proximidade desse

evento, o cristão aproveitará todas as oportunidades para advertir, exortar e animar as pessoas no sentido de que atentem para o futuro eterno que Deus tem preparado para “aqueles que O amam” (1Co 2:9).

Tal senso de iminência (Ap 22:7, 12, 20) é indispensável para que a esperança não esfrie produzindo apatia e mornidão espirituais (Mt 24:48-51; Rm 13:11, 12). O cristão sensato evitará marcação de datas, rejeitando a ideia de que essa seja a única forma pela qual as pessoas podem deixar a frieza, a passividade, a indiferença e a inatividade missionária. O equilíbrio deve ser mantido entre o desejo pelo Reino do Céu e a submissão humilde ao cronograma divino, pois tudo acontecerá “na plenitude dos tempos” (Gl 4:4) e em conformidade com os sábios designios e propósitos de Deus.

Quando surgem tendências especulativas e alarmistas, convém lembrar que “as coisas encobertas pertencem ao Senhor” (Dt 29:29), e atentar para as palavras de Cristo: “A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem Filho, senão somente o Pai” (Mt 24:36). ▀

Referências:

¹ *Hinário Adventista*, hino nº 141.

² *Parousia*: Palavra grega que significa presença, aparecimento, mas também é usada no grego secular por ocasião da visita de um rei ou imperador. Das 20 vezes em que aparece no Novo Testamento, em 15, a palavra se refere ao segundo advento de Cristo.

³ Otto Friedrich, *O Fim do Mundo* (Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2000), p. 14.

⁴ *Ibid.*, p. 33.

⁵ C. Marvin Pate, Calvin R. Hanes Jr., *Doomsday Delusions* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1995), p. 19. Jon Paulien esclarece que “a visão popular em torno do ano 999 parece ter tido sua origem em passagens isoladas encontradas em documentos publicados desde o fim do século 16 até a primeira parte do século 19” (“The Millennium is Here Again: It is Panic Time”, em *Andrews University Seminary Studies*, 1999, v. 37, p. 167, 169, 173).

⁶ Michel de Notredame (Nostradamus é o equivalente latino), judeu convertido ao cristianismo, além de médico, dedicou-se à astrologia. Sua fama se deve ao livro *Centúrias*, escrito em 1555, que contém uma série de profecias em versos.

⁷ Edna Dantas e Eduardo Marine, *IstoÉ*, 08/05/96, p. 118-123.

⁸ Otto Friedrich, *Op. Cit.*, p. 12.



Diretor associado do
Instituto de Pesquisa Bíblica,
da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Uma declaração surpreendente

“A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai”

A declaração de Jesus, em Mateus 24:36, de que Ele “não sabe” o dia nem a hora de Sua segunda vinda tem confundido estudantes das Escrituras. Referindo-se a ela, R. T. France falou sobre “o extraordinário paradoxo de que ‘o Filho’, principal protagonista ‘daquele dia’, ignore quando ele ocorrerá”.¹ Osborne a chama de “incrível declaração”.²

Esse verso é parte do discurso do Olivete, no qual Jesus falou a respeito da destruição de Jerusalém e Sua segunda vinda. Em Mateus 24:29-31, Ele focalizou os sinais celestes precedentes à Sua vinda. Com a parábola da figueira e a decorrente admoestação (v. 32, 33), Jesus voltou ao tema da destruição de Jerusalém e animou os discípulos a observar os sinais dos tempos e compreender a proximidade desse evento. A geração que não passaria até que todas aquelas coisas tivessem acontecido (Mt 24:34) era a geração do primeiro século que conheceu Jesus e testemunharia a queda de Jerusalém.³

Começando com o verso 36, a passagem volta à segunda vinda. São mencionadas claramente a *parousia* (Mt 24:39) e a vinda (*erchomai*) do Senhor, o Filho do homem (Mt 24:42, 44). O verso 36 é um tipo de introdução aos versos 37-51, que focaliza o fato de que a data da segunda vinda não pode ser conhecida.⁴ Esse texto trata da ignorância escatológica e a necessidade de preparo, pois a data é desconhecida. Aqui está um esboço da passagem:

1) Homens, anjos e Jesus não sabem o dia nem a hora (v. 36).
2) O exemplo dos dias de Noé, o Dilúvio, e a época da segunda vinda (v. 37-39).
3) Exemplos de homens nos campos e mulheres trabalhando no moinho (v. 40, 41).

4) O imperativo de vigiar, por causa do dia da vinda do Senhor (v. 42).

5) O exemplo do pai de família e do ladrão (v. 43).

6) Imperativo para vigiar, por causa da hora da vinda do Filho do homem (v. 44).

7) Exemplo do servo fiel e do infiel e a hora da vinda do Senhor (v. 45-51).

Em todo o parágrafo está presente o tema “conhecimento”. De acordo com os versos 32 e 33 no texto precedente, os discípulos quiseram conhecer (*ginosko*) a respeito da proximidade do evento predito. Nesse texto, a abordagem é o *desconhecimento*. Os versos 36-51 enfatizam claramente que, embora os sinais possam indicar a proximidade da segunda vinda, ela



não pode ser calculada. Se nem os anjos nem o próprio Jesus sabiam a data precisa, quanto menos os discípulos? Em vez de contar os dias, eles deviam estar sempre prontos. Assim, o foco é sobre o preparo dos seres humanos para o evento culminante da história do mundo.

Com as parábolas das dez virgens, dos talentos e das ovelhas e dos bodes, o capítulo 25 continua esse pensamento.⁵ É importante estar preparado e se alegrar na ceia das bodas, quando Cristo voltar. Nessas parábolas, Jesus também indica que haverá uma demora,⁶ um ínterim entre Sua primeira e segunda vindas. As últimas duas parábolas mostram que não é suficiente esperar passivamente. Aqueles que verdadeiramente esperam estão ativamente envolvidos⁷ em algum trabalho para o Mestre e serviço em favor de outros.

“No evangelho de Mateus, Jesus é Deus e alguém cujo conhecimento tem certa limitação”

Análise do texto

“A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24:36).

Nos manuscritos gregos há várias interpretações desse verso. Algumas dessas interpretações e versões omitem a frase “nem o Filho”, embora ela esteja presente em alguns manuscritos antigos. É muito provável que, em algumas versões e traduções a expressão tenha sido retirada na tentativa de responder a questões teológicas, como por exemplo: De que maneira o conceito da Trindade caberia em uma declaração tão surpreendente?⁸ Entretanto, não importa qual interpretação alguém prefira, em todo caso é o Pai quem conhece a data da segunda vinda de Jesus. Se a frase foi ou não incluída, não faz muita diferença; isso está automaticamente implícito.

A frase “daquele dia e hora” se refere à segunda vinda de Cristo.⁹ De acordo com o verso 36, a data dessa vinda é desconhecida. Os termos “dia e hora” são repetidos nos versos seguintes. Há “dias” de Noé (v. 37, 38) e o “dia” em que o Filho do homem aparecerá. Obviamente, os termos são usados quase como sinônimos e são novamente reunidos no verso 50, para descrever a segunda vinda.¹⁰ Embora não mencione “dia e hora”, o verso 48 contém o problema de uma demora e indiretamente uma breve vinda. Assim, a importância da *parousia* e o preparo dos discípulos são destacados, e é rejeitada qualquer tentativa para calcular o evento.

Três grupos desconhecem o tempo: os homens, os anjos do Céu (que estão junto a Deus e ao concílio celestial) e o Filho. Somente Deus o Pai conhece a data da *parousia*. Embora muitos modernos intérpretes tomem o texto ao pé da letra e falem sobre as limitações de Jesus,¹¹ antigos intérpretes tinham várias sugestões concernentes a esse suposto desconhecimento. “Orígenes perguntava se Jesus estava se referindo à igreja da qual Ele é o cabeça. Filoxeno afirmava que Jesus se tornara um com o Pai, em sabedoria e autoridade, somente depois da ascensão. Ambrósio atribuiu a frase ‘nem o Filho’ a uma interpolação ariana. Atanásio sugeriu que Jesus apenas fingiu ignorância. Os capadóciós pensavam que o Filho não sabia a data por Si mesmo, mas apenas através do Pai... Crisóstomo... simplesmente negava que Jesus desconhecisse qualquer coisa...”¹²

Outros sugerem que Jesus não usou o termo “Filho” como referência a Si mesmo.¹³ Mas o texto é claro e mostra que Ele admitiu aberta e francamente que tinha limitado conhecimento da situação. Isso também indica submissão ao Pai.¹⁴ Porém, a sequência dos grupos – homens, anjos e Jesus – indica uma progressão. Cristo era o mais íntimo do Pai, mesmo que no tempo em que fez a declaração não conhecesse o tempo exato de Sua segunda vinda.

Considerações teológicas

A questão é a seguinte: Acaso, o conhecimento limitado de Jesus conspira contra Sua divindade e Seu lugar na Trindade? Não pensamos assim.

Mateus e o conhecimento de Jesus. Embora Jesus dissesse não saber o tempo exato de Sua vinda, Ele conhecia muitos outros detalhes.¹⁵ Mateus 24 e 25 revela que, por volta de 31 a.D., Ele sabia da futura destruição de Jerusalém e Sua própria vinda. Sabia que algum tempo passaria entre a queda de Jerusalém e a consumação final, bem como entre a primeira e a segunda vinda; tanto que nos forneceu detalhes a respeito de sinais na Terra, no céu, e confrontos religiosos.

Por exemplo, em Mateus 25:19, Ele menciona “muito tempo”. Esses capítulos são fundamentais na escatologia do Novo Testamento. Além disso, Jesus sabia sobre a futura perseguição de Seu povo (Mt 10:17, 18), Seu próprio sofrimento (Mt 16:21; 17:12; 20:17), traição (Mt 26:21, 23, 25, 34), o julgamento final e recompensa (Mt 10:15; 11:22; 12:36; 19:29) e Sua glória futura (Mt 16:27). Mas Seu conhecimento não era limitado ao futuro. Ele conhecia o Pai e O revelou a quem quis (Mt 11:27). Também conhecia os pensamentos de sua audiência (Mt 9:4). Esse conhecimento sobrepujava o de todos os seres humanos e, obviamente, tinha que ver com Sua divindade. Todavia, houve poucos elementos que foram excluídos de Sua onisciência. Mateus 24:36 “é a mais clara declaração no Novo Testamento sobre uma limitação de conhecimento em Jesus”.¹⁶ Não obstante, devemos ter em mente que Jesus conhecia Deus, a humanidade e o futuro muito detalhadamente.

Mateus e a divindade de Jesus. Embora o evangelho de João aborde mais fortemente a divindade de Jesus, e contenha notáveis declarações a esse respeito, o evangelho de Mateus não é destituído de afirmações sobre essa divindade. Jesus é o Senhor/Jeová (Mt 3:3; Is 40:3).

O Filho do homem é capaz de perdoar pecados, que é um privilégio da divindade (Mt 9:6). Envia profetas, uma atividade divina (Mt 23:34-36).¹⁷ Jesus é o filho de Davi e também seu Senhor (Mt 22:45). Toda autoridade Lhe foi dada; de modo que é onipotente (Mt 28:18) e onipresente (Mt 28:20). Ele também é parte da Trindade que partilha um nome comum (Mt 28:19). Assim, no evangelho de Mateus, Jesus é Deus e alguém cujo conhecimento tem certa limitação. Entretanto, ao tratar dessa limitação, ninguém deveria negar que, apesar disso, Ele é Deus. Não podemos renunciar a uma verdade pela outra. A Bíblia conhece muitos paradoxos, e esse parece ser mais um.

Mateus e Jesus como ser humano. Embora seja parte da Trindade, Jesus difere de Deus o Pai e do Espírito Santo pelo fato de ser plenamente Deus e plenamente homem, e ter conservado essas duas naturezas depois da encarnação. Evidentemente, agora, Sua natureza humana é glorificada. Desde o início, Mateus deixa claro que Jesus é um Ser humano real, embora concebido pelo Espírito Santo. Ele conclui isso, ao integrá-Lo na genealogia (Mt 1) e mencionar Seu nascimento. Porque Jesus era plenamente humano, sentiu fome (Mt 4:2), sede (Mt 27:48), cansaço (Mt 8:20), sono (Mt 8:24) e tinha algum tipo de casa (Mt 13:36). Também foi tentado (Mt 4:1-22).

Como um ser social, desenvolveu amizade com pessoas (Mt 9:10, 11). Sentiu compaixão pelo povo (Mt 9:36; 20:34). Orou a Deus (Mt 14:23) e cantou (Mt 26:38). Sentiu desapontamento (Mt 17:17), profunda angústia (Mt 26:38), necessidade de apoio emocional (Mt 26:42, 45), desamparo de Deus (Mt 27:46). Como ser humano, Jesus temporariamente Se esvaziou de certas prerrogativas divinas (Fp 2:6-8); Mt 20:23) e Se submeteu ao Pai que O enviara (Mt 10:40; 15:24). Finalmente, morreu (Mt 17:23; 27:50).

Mateus e as limitações de Jesus. Assim, como ser humano, Jesus foi

limitado em algumas coisas.¹⁸ Nosso texto, Mateus 24:36, sugere que a onisciência dEle foi limitada. Lendo o evangelho, também notamos que Sua onipresença foi limitada, mas ratificada no fim do evangelho, depois da ressurreição (Mt 28:20). A mesma coisa parece ser verdadeira com respeito à onipotência (Mt 26:53). Osborne escreve: “Jesus é o homem-Deus e, como tal, plenamente homem e plenamente Deus. Isso envolve limitações em Seu estado encarnado. Quando andou neste planeta, Ele não manifestou onipresença e limitou-Se em Sua onipotência e Sua onisciência.”¹⁹ Alguns eruditos explicam que a ignorância da parte de Jesus, durante a encarnação, deve ser considerada evidência de Sua genuína humanidade.²⁰

“Em vez de especular sobre o dia da vinda de Cristo, devemos viver em constante estado de preparo”

Assim, Mateus 24:36 é um verso difícil, que menciona o desconhecimento de Jesus com respeito à data de Sua vinda. A declaração foi feita durante o período em que esteve encarnado como ser humano, e deve ser compreendida a partir dessa perspectiva. O evangelho de Mateus aborda tanto a divindade como a humanidade de Jesus, mesmo no tempo em que Ele viveu na Terra, mas mostra que, devido à encarnação, houve certas limitações na vida de Jesus que foram removidas depois da ressurreição (Mt 28:18, 19). Portanto, o texto não pode ser usado para negar nem a divindade de Jesus nem para excluí-Lo da Trindade.

Todavia, essa observação não parece ser o principal ponto do argumento. O foco de Mateus 24:36-51 é o desconhecimento do dia e hora da segunda vinda e nossa reação. Se essa data não era conhecida por Jesus, não deveríamos tentar calculá-la. Em

vez disso, devemos viver em constante estado de preparo, esperando esse dia, com grande alegria e jubilosa expectativa. ▮

Referências:

- ¹ R. T. France, *The Gospel of Matthew*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 2007), p. 939.
- ² Grant R. Osborne, *Matthew*, Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Zondervan, 2010), p. 903.
- ³ Richard M. Davidson, *Interpreting Scripture: Bible Questions and Answers*, Biblical Research Institute Studies, v. 2, p. 289-292, versus Daniel Patte, *The Gospel According Matthew: A Structural Commentary on Matthew's Faith* (Philadelphia: Fortress Press, 1987), p. 341.
- ⁴ John Nolland, *The Gospel of Matthew: A Commentary on the Greek Text*, The New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 2005), p. 990.
- ⁵ David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1990), p. 326, 327.
- ⁶ R. T. France, *Matthew*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1990), p. 351.
- ⁷ *Ibid.*, p. 352.
- ⁸ Alexander Sand, *Das Evangelium nach Matthäus*, Regensburger Neues Testament (Leipzig: St. Benno-Verlag, 1986), p. 498; David L. Turner, *Matthew*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), p. 589.
- ⁹ John Nolland, *Op. Cit.*, p. 991.
- ¹⁰ Ver também Mateus 25:13, onde os dois termos aparecem novamente. Eles são inclusivos. Portanto, é enganoso o argumento de que é permitido o cálculo de meses, anos ou unidade menores que horas.
- ¹¹ Heinrich August Wilhelm Meyer, *Critical and Exegetical Handbook to the Gospel Matthew*, Meyer's Commentary on the New Testament 1 (Peabody: Hendrickson Publishers, 1983), p. 427.
- ¹² W. D. Davies and Dale C. Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, v. 3, p. 19-28, The International Critical Commentary on the Holy Scripture of the Old and New Testament (Edinburgh: T&T Clark, 1997), p. 379.
- ¹³ David Hill, *Op. Cit.*, p. 324.
- ¹⁴ W. D. Davies, *Op. Cit.*, p. 378.
- ¹⁵ Grant R. Osborne, *Op. Cit.*, p. 903.
- ¹⁶ R. T. France, Tyndale New Commentaries, p. 347.
- ¹⁷ Thomas R. Schreiner, *New Testament Theology: Magnifying God in Christ* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), p. 193.
- ¹⁸ Gerald O'Collins, *Christology: A Biblical, Historical and Systematic Study of Jesus* (Oxford: Oxford University Press, 1995), p. 121.
- ¹⁹ Grant R. Osborne, *Op. Cit.*, p. 903, 904.
- ²⁰ Augustine Stock, *The Method and Message of the Matthew* (Collegeville: The Liturgical Press, 1994), p. 374.



Diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica, Silver Spring, Estados Unidos

O futuro revelado

Método historicista de interpretação profética ajuda a identificar os eventos finais

Os capítulos 12 a 14 do Apocalipse são preponderantes para a escatologia adventista do sétimo dia. O capítulo 12 esboça a história da igreja cristã desde o primeiro século até o tempo do fim, quando Satanás guerreia contra “os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17). O capítulo 13 pinta em termos simbólicos o clímax dessa guerra. A primeira besta que surge do mar e a segunda besta que surge da terra seca operam juntas para impor sua marca de adoração a todo o mundo.

Fundamentados no método historicista de interpretação profética, os adventistas têm compreendido essas duas bestas como símbolos respectivos do papado e do protestantismo da América. De acordo com Apocalipse 13, em algum momento no futuro, o protestantismo apostatado apelará ao mundo para adorar a primeira besta, isto é, obedecer ao papado por meio da observância do domingo, o primeiro dia da semana, em lugar do sábado bíblico do sétimo dia. Essa legislação dominical resul-

tará em decreto de morte para todos os que recusarem aceitar a marca da besta. Porém, a libertação desses fiéis está garantida (Ap 14).

Desde 1844, estamos vivendo no tempo do juízo investigativo pré-advento, também mencionado em Apocalipse 14:7.¹ Durante esse tempo, terão lugar os seguintes eventos:

No Céu. O juízo investigativo trata das pessoas cujos nomes são encontrados no livro da vida e que foram salvas por meio da obra de Cristo em nosso favor e em nós (1Jo 4:17; 5:12).

Na Terra. Justamente antes do fechamento da graça, durante o período que algumas vezes é mencionado como o início ou pequeno tempo de angústia,² será formada uma imagem da besta e a lei dominical universal será promulgada, a qual culminará com um decreto de morte para aqueles que recusam o recebimento da marca da besta. Durante esse período, a igreja remanescente faz soar o alto clamor, no poder da chuva serôdia, e experimenta a sacudidura, o selamento e o verdadeiro reavivamento.

Nem a Bíblia nem Ellen White apresentam sequência cronológica para esses eventos. Muitos deles podem ocorrer paralelamente, mas ocorrerão antes que o decreto de Apocalipse 22:11 seja proclamado e tenha início o grande período de angústia. Embora não nos seja informado nenhum tempo específico para tais eventos, é-nos dito que “os últimos acontecimentos serão rápidos”.³

Reavivamento e reforma

Um completo reavivamento e reforma prepara a igreja para os eventos finais e para o grande clamor,⁴ incluindo milagres de cura e conversões genuínas.⁵ Satanás envidará esforços para impedir esse reavivamento, produzindo uma contrafação: “Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender sua influência sobre o mundo cristão.”⁶

Assim, podemos compreender as palavras de Paulo no sentido de que “o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígio da mentira” (2Ts 2:9).

Direcionando-nos para Apocalipse 7, que também se refere ao tempo do fim, os ventos de provas são retidos até que o povo de Deus seja selado e preparado para o tempo de angústia. “Esse selo não é qualquer marca que possa ser vista, mas uma sedimentação na verdade, tanto no sentido intelectual como espiritual, que não pode ser removida.”⁷

A chuva serôdia e o alto clamor

Assim como a igreja apostólica recebeu a chuva temporã no Pentecostes, o remanescente receberá

a chuva serôdia, pela qual será habilitado a finalizar a tarefa de proclamar o evangelho eterno (Jl 2:23, 28, 29).

“Assim como a ‘chuva temporã’ foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do evangelho, para efetuar a germinação da preciosa semente, a ‘chuva serôdia’ será dada em seu final para o amadurecimento da seara.”⁸

Essa promessa é para nós, hoje, e temos que estar preparados para recebê-la, por meio da busca pelo Senhor em humildade e, através do poder do Espírito Santo, purificando-nos de tudo o que é desagradável a Ele.⁹

A mensagem da queda de Babilônia, dada pelo segundo anjo (Ap 14:8), é repetida na mensagem do anjo de apocalipse 18:1-4. “A obra desse anjo vem, no tempo devido, unir-se à última grande obra da mensagem do terceiro anjo, ao tomar esta o volume de um alto clamor.”¹⁰

Tempo de angústia e marca da besta

Antes do fechamento da graça, haverá um tempo de angústia para o mundo e para a igreja (Lc 21:25). Ellen White se refere a esse tempo, com as seguintes palavras: “E ao início do tempo de angústia fomos cheios do Espírito Santo ao sairmos para proclamar o sábado mais amplamente.” Posteriormente, ela escreveu: “O ‘início do tempo de angústia’ ali mencionado não se refere ao tempo em que as pragas começarão a ser derramadas, mas a um breve período, pouco antes, enquanto Cristo está no santuário. Nesse tempo, enquanto a obra de salvação está se encerrando, tribulações virão sobre a Terra, e as nações ficarão iradas, embora contidas para não impedir a obra do terceiro anjo.”¹¹

Haverá também uma sacudidura entre o povo de Deus, causada “pelo testemunho direto” da “Testemunha verdadeira” de Laodiceia¹² e a introdução de falsas teorias. Muitos adventistas deixarão a igreja¹³ porque não são plenamente convertidos e veem os assuntos religiosos “sob a mesma luz” com que o mundo os vê.¹⁴

A imagem da besta será formada quando as igrejas protestantes da América do Norte se unirem com o Estado para usar a força a fim de impor decretos e apoiar as instituições da igreja. Então, “haverá uma apostasia nacional que resultará apenas em ruína nacional”.¹⁵ “Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo.”¹⁶ Isso ilumina as palavras de Jesus quando mencionou que esses sinais enganariam, “se possível, os próprios eleitos” (Mt 24:24).

Desde que Constantino promulgou, em 321 a. D., a primeira lei dominical têm havido leis semelhantes em muitos países, bem como na América do Norte. Porém, muitas dessas leis foram limitadas em extensão e focalizaram principalmente, se não exclusivamente, atividades comerciais. Apocalipse 13 prediz que a futura legislação dominical será nacional, até mesmo internacional, e que tais decretos incluirão observâncias religiosas (Ap 13:3). Ellen White escreveu sobre isso: “Quando a América, um país de liberdade religiosa, mostrar unidade com o papado em forçar a consciência e compelir pessoas a honrar o falso sábado, pessoas de todo país do mundo serão levadas a seguir seu exemplo.”¹⁷ “Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho então cairão em trevas.” Uma razão para essa apostasia será a “ameaça de prisão e morte”.¹⁸

Em visão, Ellen White ouviu Satanás dizer: “Quando se fizer da morte a penalidade da violação do nosso sábado, então muitos dos que agora estão nas fileiras dos observadores dos mandamentos, passarão para o nosso lado.”¹⁹ Como não haverá mudança de lado até o fechamento da graça, o teste da ameaça de morte deve, portanto, ser antes desse evento. “Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade

de que a de Roma... [esses] aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma – ‘o sinal da besta’.”²¹

O fechamento da graça marca o fim do ministério de Cristo no Céu. A obra de investigação e julgamento será terminada e a porta de misericórdia para o mundo será para sempre fechada.²² Nesse tempo, Cristo anuncia o fechamento da graça com as palavras de Apocalipse 22:11, o povo de Deus já terá sido selado²³ e estará protegido das pragas derramadas durante o grande tempo de angústia, assim como o antigo Israel foi protegido das pragas que caíram sobre o Egito.

Embora a ordem precisa dos futuros eventos não tenha sido revelada, sabemos que o tempo da vinda do Senhor está perto: “Observem a figueira e todas as árvores. Quando elas brotam, vocês mesmos percebem e sabem que o verão está próximo. Assim também, quando virem estas coisas acontecendo, saibam que o Reino de Deus está próximo” (Lc 21:29-31, NVI). ▀

Referências:

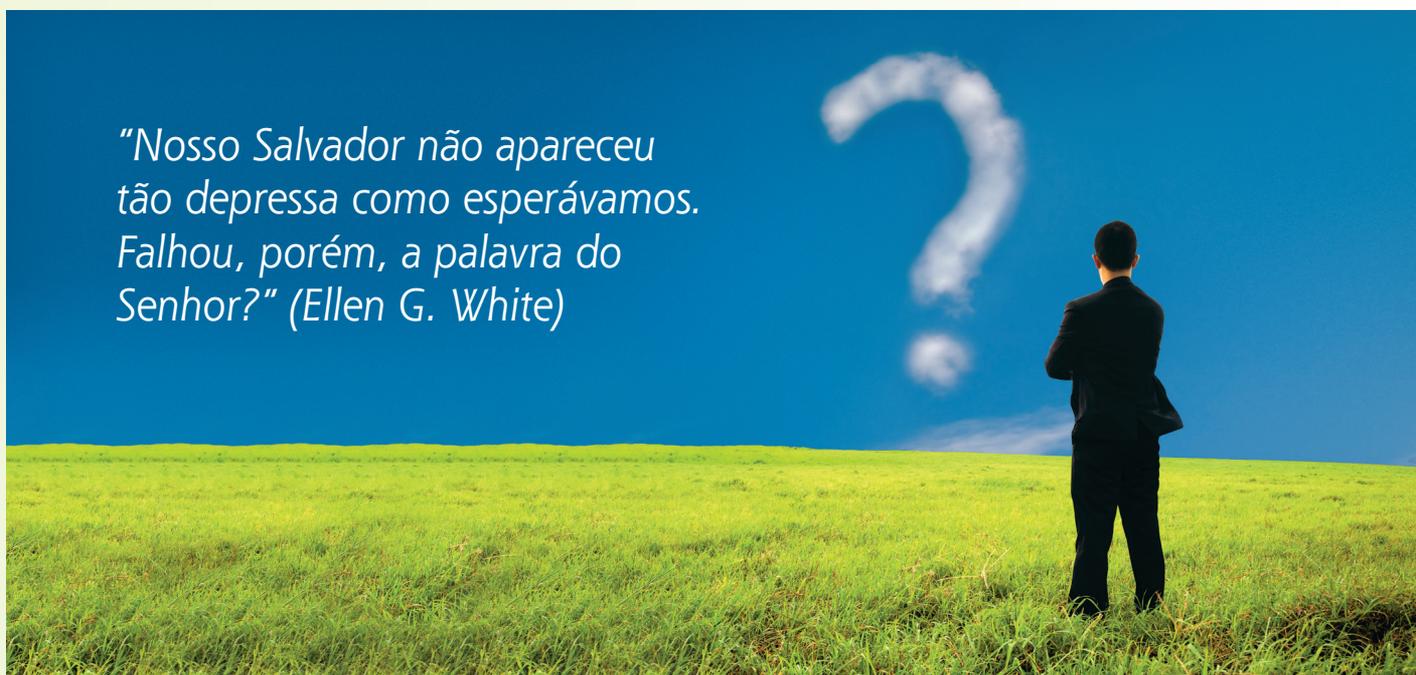
- ¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 425.
- ² Donald Ernest Mansell, *The Shape of the Coming Crisis: A Sequence of End-time Events Based on the Writings of Ellen G. White* (Nampa, ID: Pacific Press, 1998).
- ³ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 11.
- ⁴ _____, *O Grande Conflito*, p. 464.
- ⁵ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v.9, p. 126.
- ⁶ _____, *O Grande Conflito*, p. 464.
- ⁷ *The Seventh-Day Adventists Bible Commentary*, v. 4, p. 1161.
- ⁸ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 611.
- ⁹ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 50, 51.
- ¹⁰ _____, *Primeiros Escritos*, p. 277.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 33, 85, 86.
- ¹² *Ibid.*, p. 270.
- ¹³ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 112.
- ¹⁴ _____, *O Grande Conflito*, p. 608.
- ¹⁵ *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 976.
- ¹⁶ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 624.
- ¹⁷ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 18.
- ¹⁸ *Ibid.*, v. 5, p. 81.
- ¹⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 473.
- ²⁰ *Ver The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 976.
- ²¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 449.
- ²² *Ibid.*, p. 428.
- ²³ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 212.



Professor no Seminário Teológico da Universidade del Plata, Argentina

Por que Cristo ainda não veio

“Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém, a palavra do Senhor?” (Ellen G. White)



O movimento adventista surgiu com a expectativa da iminente vinda de Cristo e, mesmo depois do desapontamento de 1844, seus pioneiros continuaram aguardando esse evento. Partilhando fervorosamente dessa esperança¹ foi que, em 1851, Ellen G. White escreveu: “Vi que o tempo para Jesus permanecer no lugar santíssimo estava quase terminado e esse tempo podia durar apenas um pouquinho mais; que o tempo disponível que temos deve ser gasto em examinar a Bíblia, que nos julgará no último dia.”²

Entretanto, não tendo vindo

Jesus, passadas três décadas, ela foi acusada de ter feito uma declaração falsa. Em resposta, ela argumentou que essa acusação também poderia ter sido feita a Cristo e aos apóstolos, que também chamaram a atenção para a urgência do tempo: “... o tempo é curto” (1Co 7:29). “Vai alta a noite e vem chegando o dia” (Rm 13:12).³

Obviamente, eles não estavam enganados. “Os anjos de Deus em suas mensagens aos homens, apresentam o tempo como muito breve. Assim ele me tem sido sempre apresentado. É verdade que o tempo tem prosseguido mais do que es-

perávamos nos primeiros tempos desta mensagem. Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém, a palavra do Senhor? Nunca! Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.”⁴ A demora da segunda vinda acontece porque os filhos de Deus têm falhado em cumprir essas condições.⁵

Missão inconclusa

O Senhor deu a Seu povo uma missão a ser cumprida, antes de Sua vinda, ou seja, proclamar as mensagens dos três anjos (Ap 14), pregando

o evangelho eterno, chamando a atenção do mundo para o santuário celestial e o ministério intercessor de Cristo e restaurando a observância do verdadeiro dia de repouso. “Houvessem os adventistas, depois da grande decepção de 1844, ficando firmes na fé, e seguido avante em união no caminho aberto pela providência de Deus, recebendo a mensagem do terceiro anjo e proclamando-a ao mundo... ,a obra se haveria completado, e Cristo teria vindo antes para receber Seu povo para lhe dar o galardão.”⁶ Em vez disso, muitos crentes vacilaram na fé e se tornaram oponentes da verdade. Mas, “não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse assim retardada”⁷

Ellen White comparou a demora da vinda de Jesus com a postergação da entrada dos israelitas em Canaã. Não era plano de Deus que vagueassem 40 anos no deserto; porém, por causa da falta de fé, retardaram a entrada na terra prometida (Hb 3:19). “Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos têm conservado neste mundo de pecado e dor por tantos anos.”⁸

Para os israelitas, Deus era culpado pela longa peregrinação. Semelhantemente, os cristãos laodiceanos correm o perigo de lançar a culpa em Deus pela demora da segunda vinda. “Talvez tenhamos de permanecer muitos anos mais neste mundo por causa de insubordinação, como aconteceu com os filhos de Israel; mas por amor de Cristo, Seu povo não deve acrescentar pecado a pecado, responsabilizando Deus pela consequência de seu procedimento errado.”⁹

Espera misericordiosa

Por outro lado, não é por indiferença ou esquecimento que o Senhor

ainda não veio. É por misericórdia que Ele retarda Sua vinda (2Pe 3:9). “A longa noite de tristeza é árdua, mas a manhã é adiada em misericórdia, porque se o Mestre viesse, muitos seriam achados desprevenidos. A recusa de Deus em permitir que Seu povo pereça tem sido a razão de tão longa demora.”¹⁰ E mais: “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então Ele virá para reclamá-lo como Seu.”¹¹ Em suma, ainda não estamos preparados para ir ao Céu com Jesus.

Esse preparo inclui algo mais que o desenvolvimento de um caráter semelhante ao de Cristo. Envolve ajuda para que outros também se preparem. Desenvolvimento do caráter cristão e pregação do evangelho andam de mãos dadas; são dois aspectos de uma realidade. “O objetivo da vida cristã é a frutificação – a reprodução do caráter de Cristo no crente, para que Se possa reproduzir em outros.”¹²

Assim como Deus tem misericórdia de Seu povo, também é compassivo para com os descrentes. “Jesus retarda a Sua vinda, para que pecadores possam ter oportunidade de ouvir a advertência, e encontrar nEle refúgio antes que a ira de Deus seja derramada.”¹³ E a nós foi confiada a tarefa de advertir o mundo. “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus. Houvesse a igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória.”¹⁴

A espera pode nos parecer muito longa e difícil de ser suportada. Porém, “quando, com os remidos, estivermos em pé sobre o mar de vidro, com harpas de ouro e coroas de glória, tendo à nossa frente a imensurável eternidade, então veremos como foi curto o período de provação e espera”.¹⁵

Ele vem

A verdade é que, independentemente de quanto tempo tenhamos que esperar, é certo que Jesus virá, pois Ele mesmo prometeu (Jo 14:3; Ap 22:20). Por isso, Ellen G. White manteve sempre viva a esperança no indubitável regresso de Jesus à Terra. Jamais perdeu a confiança nem ficou impaciente; não dependia de data específica. Ela estava certa de que o Senhor não falha (Hb 10:37). Em uma carta, escrita em 1888, ela disse: “Ainda que desiludida, nossa fé não tem vacilado nem temos nos voltado à perdição. A demora é aparente porque, no tempo designado, nosso Senhor virá; e nós, se formos fiéis, exclamaremos: ‘Eis que Este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará’”.¹⁶

O mais importante não é saber as razões pelas quais Cristo ainda não veio, mas estar preparados para recebê-Lo. Nosso maior perigo não é deixar de crer na vinda de Jesus, mas pensar: “Meu senhor demora-se” (Mt 24:48). Essa é uma atitude que nos leva ao egoísmo e ao mundanismo, fazendo-nos adiar nosso preparo e mantendo-nos adormecidos numa falsa segurança, indiferentes aos interesses eternos.

“Todo o que pretende ser um servo de Deus é convidado a realizar Seu serviço como se cada dia fosse o último.”¹⁷ “Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim” (Mt 24:46). ▀

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Eventos Finais*, p. 36, 37.
- ² _____, *Primeiros Escritos*, p. 58.
- ³ _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 67.
- ⁴ Ibid.
- ⁵ Ellen G. White, *Maranata: O Senhor Vem!* (MM, 1977), p. 53.
- ⁶ _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 68.
- ⁷ Ibid.
- ⁸ Ibid., p. 69.
- ⁹ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 696.
- ¹⁰ Ibid., p. 694.
- ¹¹ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 69.
- ¹² Ibid., p. 67.
- ¹³ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 458.
- ¹⁴ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 633, 634.
- ¹⁵ _____, *Eventos Finais*, p. 42.
- ¹⁶ _____, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 270.
- ¹⁷ _____, *Maranata: O Senhor Vem!*, p. 106.



Diretor de Redação da Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina

“Esperando e apressando”

Sendo Deus Senhor de tudo, acaso depende do ser humano para concretizar a vinda de Seu Filho à Terra?

A Igreja Adventista do Sétimo dia surgiu como movimento escatológico, enfatizando claramente a segunda vinda de Cristo. Passados mais de 150 anos proclamando esse evento, continuamos esperando a concretização dele; e isso tem suscitado algumas interrogações: “Está demorando?” “Podemos apressar a segunda vinda de Jesus?”

Na tentativa de responder a tais perguntas, têm sido sugeridas basicamente duas respostas. Alguns creem que Jesus ainda não veio porque está esperando que Seu povo se consagre e testemunhe diligentemente; ou seja, o povo é responsável pela demora. Em contraposição, outros sugerem que Cristo voltará somente

de acordo com Sua determinação, e que nada podemos fazer para apressar ou retardar o momento estabelecido para Sua vinda.¹

Deus no controle

Na defesa dessa posição, entre outros teólogos, Arnold Wallenkampf parece ressaltar a soberania absoluta de Deus, com respeito à *parousia*. Nesse sentido, a providência e a onisciência divinas parecem desempenhar papel fundamental. “Deus, por meio de Sua providência, preparará o momento da segunda vinda de Cristo... Nem por um instante devemos pensar que podemos mudar o que Ele planejou e estabeleceu.”² Imaginar que “seres humanos peca-

dores sejam capazes de atar as mãos do Onipotente, ao ponto de Lhe impedir de levar a cabo Seus planos” é “o cúmulo da arrogância”. Crer que o ser humano pode desempenhar algum papel importante nesse sentido seria “blasfêmia”.³

Dentro desse pensamento, a concepção da demora é ilógica. Demora é um prolongamento de tempo além do previsto, o que supõe que houve fracasso no cumprimento do prazo antecipadamente estipulado.

Percebe-se claramente que Wallenkampf parte de uma concepção atemporal de Deus. Para ele, “Deus é maior que o tempo. O tempo existe em Deus; não é que Deus vive no tempo...”⁴ Ele considera que, ainda que o ser humano fracasse sua existência em tempos verbais: passado, presente e futuro, “não ocorre o mesmo com Deus. Para Deus, não há diferença entre passado, presente e futuro”.⁵

Esse pensamento conduz Wallenkampf a um conceito de soberania absoluta de Deus, em relação com os eventos do mundo.⁶ Ainda comentando a defesa da ideia de que Deus retarda a segunda vinda por causa do homem, ele assegura que “negamos com um golpe tanto Sua presciência como Sua onisciência. Ao refletir desse modo, rebaixamos nosso onisciente Deus a nosso próprio nível”.⁷ Ou seja, a segunda vinda tem que acontecer porque Deus, em Sua onisciência, a previu. Temos aqui um futuro fixo, fechado e invariável, determinado pela onisciência e providência de um Deus atemporal.

Essa postura tem graves consequências para a missão da igreja. Porém, Wallenkampf responde a esse questionamento, ao dizer que “às vezes damos a impressão de que a comissão evangélica é uma responsabilidade unicamente nossa”. Para ele, isso está longe de ser verdade. “A proclamação do evangelho a todo o mundo é responsabilidade do Senhor”, ele diz.⁸ Aqui, a ênfase na providência absoluta de Deus desmerece a ação humana no cumprimento da missão.

Participação humana

No extremo oposto à posição de Wallenkampf, Herbert Douglass considera que tem havido realmente uma demora na “colheita” do mundo; mas tal demora não é causada por qualquer mudança de planos da parte de Deus. Se dependesse dEle, a colheita já teria acontecido décadas atrás.⁹ Essa posição está fundamentada na seguinte afirmação de Ellen White: “Cristo aguarda com fremente desejo a mani-

festação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-lo como Seu.”¹⁰

Douglass aceita que o homem desempenha papel ativo na missão. Contudo, a principal preocupação dele não focaliza tanto a tarefa que o povo de Deus deve cumprir, mas o caráter que deve refletir.¹¹ Nesse sentido, ele parece ter interesse secundário na missão que a igreja deve cumprir; ou seja, a ação da igreja nos acontecimentos do fim estaria relacionada com a condição que deve ter; não com a missão que deve cumprir.

“O desfecho da missão é uma tarefa que Deus decidiu realizar em conjunto com Seu povo”

Resumindo, a partir de uma presuposição atemporal para o ser de Deus, Wallenkampf desemboca no conceito de soberania absoluta, na qual Deus é responsável por todo passo dado na execução de Seu plano. Isso leva a desmerecer a participação humana no plano da salvação. Sendo Deus o único responsável pela prega-

ção do evangelho, não é importante o que o ser humano possa fazer em relação à missão.

Por outro lado, Douglass enfatiza o elemento humano. Deus espera, durante gerações, que Seu povo alcance o padrão imposto pela vida de Jesus enquanto esteve na Terra. Essa postura tampouco enfatiza o papel que o povo de Deus deve desempenhar no cumprimento da missão. Isso lhe interessa apenas indiretamente, a título de uma motivação a mais para alcançar o caráter de Cristo.

Limite da temporalidade

Na Bíblia, as palavras traduzidas como “eternidade” (*olām* no Antigo Testamento e *aiōn* no Novo) têm claro significado temporal, e basicamente se referem a um período limitado ou ininterrupto. Além disso, é preciso esclarecer que, mesmo que a eternidade seja concebida em termos temporais, isso não significa que a Bíblia a identifique com o tempo que o ser humano experimenta como limite de seu ser finito. Deus experimenta o tempo de modo qualitativa e quantitativa distinta da maneira do homem. Ele não nega o tempo, mas o integra e ultrapassa (Sl 103:15-17; Jô 36:26). Essa visão temporal de Deus considera que Ele pode



Se relacionar direta e pessoalmente com o homem dentro da história humana, de tal maneira que tanto Deus como os seres humanos partilham a mesma história.

De acordo com a Bíblia, o conhecimento de Deus é perfeito (Jó 37:16). O conhecimento prévio se refere à capacidade que Ele tem de incluir em Sua onisciência não apenas as realidades passadas e presentes, mas também as futuras; mesmo aquelas que são livres ações dos seres humanos (At 2:33; Rm 8:29; 11:2). A afirmação da presciência de Deus não é nem contraditória nem logicamente incompatível com a liberdade humana. Aqueles que percebem uma contradição insuperável implicitamente assumem que Deus conhece da mesma forma que nós conhecemos.

A concepção bíblica não identifica predestinação com presciência, como se Deus predestinasse cada coisa que conhece. Ele não predetermina o destino humano. Paulo diferencia entre presciência e predestinação (Rm 8:29). Nessa visão, o destino do ser humano não apenas implica os planos e as obras de salvação, mas também a livre resposta de fé ao chamado do Espírito Santo.

Em relação com a providência, Deus não controla a história humana no sentido de que planeja e executa tudo o que nela sucede. Ele se relaciona pessoalmente e dirige a história humana para seu objetivo. Deus não força os seres humanos, muito menos o curso da História. Se considerarmos que a força não somente é incompatível com a liberdade, mas também com o amor, os objetivos de Deus na História não são alcançados forçando a liberdade humana.

Ao contrário disso, ao participar ativamente na História, Deus trabalha pela salvação em diferentes níveis: individual, social e cósmico. Então, se pensarmos dentro do limite da temporalidade (que implica contingência), os resultados não estão predeterminados.¹² Contudo, não estamos na incerteza quanto ao futuro da História. A vitória de

Cristo na cruz é o fundamento da certeza acerca do futuro.

Podemos dizer que, de acordo com as Escrituras, Deus dirige a história humana, dentro do seu fluxo e complexidade; não desde o Céu, por meio de decretos eternos e irresistíveis. Ele decide trabalhar temporalmente na História, por meio de Sua igreja e com a cooperação dela.¹³

Podemos apressar?

Se considerarmos seriamente o contexto temporal das Escrituras, além do conceito de presciência e providência divinas, devemos reconhecer que Deus decide trabalhar com o ser humano, dentro da história humana, para alcançar alguns dos Seus objetivos. Nesse sentido, existem alguns propósitos que devem ser cumpridos em relação com a segunda vinda de Jesus; propósitos nos quais Deus decidiu trabalhar em cooperação com o ser humano. A pregação do evangelho (Mt 24:14) é um deles.

Deus confiou essa missão à igreja, capacitando-a para cumpri-la. Nesse contexto, tem sentido a declaração de Ellen White: “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus.”¹⁴ Então, o desfecho da missão é uma tarefa que Deus decidiu realizar em conjunto com Seu povo.

Se o Senhor deseja trabalhar com Seu povo para alcançar alguns objetivos relacionados com a segunda vinda de Jesus, é claro que o homem também pode impedir ou retardar essa tarefa. Essa visão está em concordância com outras declarações de Ellen White: “Houvesse a igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória.”¹⁵ “Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-lo como Seu.”¹⁶

Ao compreendermos a maneira pela qual Deus decidiu realizar Seu plano de salvação, podemos perceber

o papel que o homem desempenha na terminação da obra. Ele decidiu trabalhar com o ser humano em relação com Seus objetivos para a Sua segunda vinda, capacitando Seu povo para a tarefa que lhe compete desempenhar.

Apesar disso, Ellen White nos dá a garantia de que “o mundo não está sem um governante. O programa dos sucessos futuros está nas mãos do Senhor. A Majestade do Céu tem sob Sua direção o destino das nações e os negócios de Sua igreja”¹⁷ Deus atuará com todo poder através do ser humano e respeitando sua liberdade, para alcançar Seus objetivos. Isso deve animar a igreja, considerando que Deus lhe tem dado o privilégio de participar no plano da salvação. Por meio de nossa fidelidade no cumprimento da missão, a igreja pode apressar seu encontro com o Salvador. ▀

Referências:

- ¹ Ver Carlos A. Steger, “La ‘demora’ de la segunda venida”, *Logos*, anos 3, 4 (1999-2000), p. 10-15.
- ² Arnold Wallenkampf, *La Demora Aparente* (Buenos Aires, Aces, 1997), p. 140.
- ³ *Ibid.*, p. 136.
- ⁴ *Ibid.*, p. 53.
- ⁵ *Ibid.*
- ⁶ *Ibid.*, p. 121.
- ⁷ *Ibid.*, p. 120, 121.
- ⁸ *Ibid.*, p. 105.
- ⁹ Herbert Douglass, “Man of Faith – the showcase of God’s grace”, em: *Perfection: The Impossible Possibility* (Nashville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), p. 20.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 69.
- ¹¹ Herbert Douglass, *The End: The Unique Voice for Adventist About the Return of Jesus* (Mountain View, Califórnia: Pacific Press Publishing Association, 1979), p. 74.
- ¹² Deus não podia salvar o homem por um decreto de Sua soberania. Pelo contrário, devia produzir a salvação do homem no tempo e na História. A salvação não apenas ocorre por meio da encarnação e morte de Cristo, que incluem o tempo e o risco total, tudo no limite da contingência temporal: “Mas nosso Salvador se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 95).
- ¹³ Ver Canale, “Hacia el fundamento teológico de la misión Cristiana”, em Werner Vyhmeister (editor) *Misión de la Iglesia Adventista*, (Entre Ríos: Editorial CAP, 1980), p. 182-210.
- ¹⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 633, 634.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 634.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 69.
- ¹⁷ _____, *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 352.

ESPECIAL

Esperança que confunde

Especulações dispensacionalistas sobre a segunda vinda de Jesus

A data é um dia qualquer no futuro próximo. Um Boeing 747 voa sobre o Atlântico em direção a Londres. A maioria dos passageiros está dormindo ou fazendo qualquer coisa. Subitamente, quase metade deles desaparece no ar. Primeiro um, depois outro, então os que restam gritam enquanto percebem que o assento ao seu lado está vazio. Apenas os pertences de mão foram deixados. Os passageiros que ficaram gritam e choram, assustados. Os pais estão freneticamente procurando os filhos que desapareceram no meio do voo.

Ficção científica? Não; essa é uma cena do primeiro volume de uma série intitulada *Lefts Behind*.¹ Escritos pelos autores cristãos Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, esses livros têm por base a teoria de que sete anos antes do segundo advento de Cristo, os fiéis cristãos serão arrebatados para o Céu. Por que exatamente sete anos? Porque uma das colunas des-

sa teoria é que a última das setenta semanas proféticas de Daniel 9:24 ainda está no futuro.

As raízes

As origens da teoria do arrebatamento secreto podem ser traçadas a partir do tempo da Contra-Reforma. Os reformadores protestantes no século 16, identificaram o papado como o anticristo da profecia.² Muitos eruditos jesuítas assumiram a tarefa de defender o papado contra esse ataque. O cardeal Robert Bellarmina (1542-1621), diretor do Colégio Jesuíta em Roma, buscou invalidar o princípio “dia-ano” da profecia como prova dos 1.260 anos de supremacia papal.³

O jesuíta espanhol Francisco Ribera (1537-1591) projetou a profecia do anticristo no futuro (futerismo), e outro espanhol, Luiz de Alcazar (1554-1613), defendeu que essas profecias já tinham se cumprido no tempo do Império Romano (preterismo).



O preterismo de Alcazar logo foi adotado pelo calvinista Hugo Grotius (1583-1645) na Holanda, e se tornou o método favorito para interpretação da profecia bíblica entre os teólogos liberais.

Ribera aplicou as profecias do anticristo ao futuro anticristo pessoal que apareceria no tempo do fim e continuaria no poder por três anos e meio.⁴ Por quase três séculos, o futurismo foi largamente confinado à Igreja Católica Romana, até que, em 1826, Samuel R. Maitland (1792-1866) bibliotecário do arcebispo de Canterbury, publicou um panfleto de 72 páginas⁵ no qual promoveu a ideia de Ribera de um futuro anticristo. Logo outros clérigos protestantes adotaram a ideia e começaram a propagá-la amplamente. Entre eles estava John Henry Newman, líder do movimento Oxford, que depois se tornou cardeal católico romano, e Edward Irving, ministro presbiteriano escocês.

Dispensacionalismo

O futurismo de Ribera estabeleceu o fundamento para o dispensacionalismo, o qual ensina que Deus tem negociado diferentemente com a humanidade durante diferentes eras da história bíblica. John Nelson Darby (1800-1882) é considerado o pai do dispensacionalismo. Ele foi um advogado e pastor anglicano que, em 1821, desiludido com a frouxidão espiritual da igreja, juntou-se ao grupo religioso chamado Movimento dos Irmãos. Darby tinha mente brilhante. Não apenas pregava fluentemente em francês e alemão, mas também traduziu o Novo Testamento para o alemão, francês e inglês. Foi autor de mais de 50 livros e, em 1848, tornou-se líder do grupo Irmãos Exclusivos.

Darby desenvolveu uma filosofia da História na qual ele a dividiu em oito eras ou dispensações, “cada uma das quais contendo uma ordem diferente pela qual Deus operou Seu plano redentivo”.⁶ Além disso, Darby afirmava que a vinda de Cristo poderia ocorrer em dois estágios. O primeiro, um invisível “arrebato secreto” dos crentes, fecharia o grande “parêntesis” ou a era da igreja que começou quando os judeus rejeitaram a Cristo. Em seguida ao arre-

batamento, as profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel seriam literalmente cumpridas,⁷ levando à grande tribulação que terminaria na segunda vinda de Cristo. Nesse tempo, o Senhor estabeleceria um reino literal de mil anos sobre a Terra, tendo Israel como centro.

A visão escatológica de Darby predominou no fundamentalismo americano nos anos 20, quando cristãos conservadores defenderam o cristianismo protestante contra os desafios do darwinismo e da teologia liberal. Hoje, a maioria dos cristãos evangélicos aceita as principais colunas da escatologia de Darby.

O conceito de um arrebatamento antes do período da tribulação final, na verdade, não foi invenção de Darby. “Peter Jurieu em seu livro *Approaching Deliverance of the Church* (1687) ensinou que Cristo poderia vir para arrebataram os santos e retornar ao Céu antes do Armagedom. Ele falou de um arrebatamento secreto antes da Sua vinda em glória e o julgamento do Armagedom. O Comentário do Novo Testamento de Philip Doderidge e o Comentário de John Gill, usaram o termo “rpto” e a ele se referiram como iminente. Esses homens acreditavam que esse acontecimento precederia a descida de Cristo à Terra e o tempo do julgamento. O propósito era preparar crentes do tempo do julgamento.”⁸

A doutrina do arrebatamento foi disseminada ao redor do mundo, primariamente através do Movimento dos Irmãos e da Bíblia de Referência de Scofield. No século 20, foi ensinada em escolas como o Instituto Moody e no Seminário Teológico de Dallas. *O Futuro do Grande Planeta Terra*, de Hal Lindsey, e muitos outros livros propagaram essa doutrina.

Investigando a teoria

A teoria do arrebatamento secreto está fundamentada em numerosas hipóteses. Devido às limitações de espaço, podemos investigar brevemente apenas duas delas: 1) que a

septuagésima das setenta semanas proféticas de Daniel 9:24-27 ainda está no futuro; e 2) que a igreja não passará pela grande tribulação.

A septuagésima semana

Embora a ideia de que a septuagésima semana de Daniel esteja ainda no futuro tenha aparecido primeiro nos escritos de Irineu (século 2 a.D.),⁹ ela não desempenhou papel significativo na teologia cristã até se tornar uma coluna fundamental do dispensacionalismo no século 19. De acordo com essa visão, a 69ª semana termina com a entrada triunfal, e a 70ª “está separada das outras 69 por um período indefinido de tempo”.¹⁰ Isso porque a era da igreja é vista como um parêntesis no plano de Deus, isto é, o relógio profético parou no domingo da Páscoa e voltará a bater depois do arrebatamento, quando Deus assumir a condução dos negócios com Israel no futuro.

Entretanto, não há razão lógica nem exegética para separar a 70ª semana das outras 69 semanas. Não existe nenhuma outra profecia de tempo nas Escrituras que tenha tal vácuo.¹¹

O assunto nos versos 26 e 27 de Daniel 9 é o Messias, não o anticristo. De acordo com o verso padrão em Daniel 9:25 e 26, o príncipe da frase “o povo de um príncipe” pode também se referir a Jesus.¹² Mas embora o príncipe, no verso 26, se refira a Tito (como tipo do anticristo) e não ao Messias, ele não é o assunto do verso 27 porque, gramaticalmente, está em uma posição subordinada a “o povo”. É o povo que destrói o santuário e a cidade; não o príncipe. O “ele” do verso 27 deve reportar ao Messias no início do verso 26. Em Daniel 9:27, lemos que “Ele fará firme aliança com muitos”.

A expressão hebraica “cortar uma aliança” não é usada nesse texto. O Messias, diz o texto, fortalecerá ou fará o concerto prevalecer. A referência não é a um novo concerto, mas a um concerto já feito. Se fosse o anticristo o autor dessa aliança com muitos, o profeta teria usado a linguagem apropriada, ou seja, “mudar a aliança”.

Ao contrário da teoria dispensacionalista, a 70ª semana apresenta os pontos altos do ministério do Salvador.¹³ Durante a primeira metade da semana, Ele fortaleceu ou confirmou o concerto através de Seus ensinamentos. Um exemplo disso é o sermão da Montanha, em que Jesus tomou uma seleção dos Dez Mandamentos do antigo concerto, aprofundando e fortalecendo seu significado. Então, no meio da semana, Ele levou ao fim o significado teológico do papel dos sacrifícios, ao Se entregar para a salvação da raça humana. Dessa forma, o concerto eterno foi confirmado e ratificado pela morte de Jesus Cristo.

A igreja e a grande tribulação

De acordo com o dispensacionismo, a tribulação depois do arrebatamento da igreja durará sete anos. Seu propósito é “levar à conversão uma multidão de judeus”¹⁴ que experimentarão o cumprimento da aliança de Israel. A base apresentada para apoiar esse conceito são as passagens de 1 Tessalonicenses 1:10; 5:9; Romanos 5:9 e Apocalipse 3:10.

Cuidadosa exegese dos textos nas cartas aos romanos e aos tessalonicenses indica que “a ira vindoura” refere-se à ira de Deus que destruirá o ímpio por ocasião da segunda vinda (2Ts 1:7-10).¹⁵ Trata-se, portanto, da manifestação da ira de Deus no juízo final, não da tribulação precedente à vinda de Jesus. Paulo fala de esperarmos “dos Céus o Seu Filho, a quem Ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura” (1Ts 1:10). É o segundo advento de Jesus, em cuja ocasião o arrebatamento terá lugar, que nos liberta da ira vindoura. Consequentemente, essa ira não pode vir antes do segundo advento.

A “hora da provação [peirasmos]” (Ap 3:10) poderia se referir à grande tribulação, mas o texto não diz que o povo de Deus não a experimentará. A frase “Eu te guardarei” origina-se de duas palavras gregas: *téreo* e *ek*. *Téreo* tem o significado de “velar”, “guardar”, “preservar”,¹⁶ e a preposição *ek* signifi-

fica basicamente “de”,¹⁷ referindo-se à vinda de alguma coisa ou de alguém. Outra preposição grega – *apo* – expressa a ideia de separação, “longe de”.¹⁸

Em Sua oração sacerdotal, Jesus disse: “Não peço que os tires do [ek] mundo, e sim que os guardes [téreo] do [ek] mal” (Jo 17:15). Ao orar para que os discípulos fossem guardados do mal, Jesus não estava dizendo que Satanás não poderia tentá-los. Simplesmente pediu que o Pai guardasse os discípulos em segurança, velasse sobre eles, impedisse que o inimigo tivesse vitória sobre eles.

Semelhantemente, Pedro escreveu: “É porque o Senhor sabe livrar da [ek] provação [peirasmos] os piedosos” (2Pe 2:9). O apóstolo não disse que o povo de Deus estaria longe [apo] da tentação, mas que Ele os livrará dela [ek] em meio ao processo de ser tentado. Da mesma forma, o apóstolo João não estava dizendo (Ap 3:10) que os crentes serão conservados longe da [apo] hora da provação, mas que eles estarão protegidos durante esse tempo.

“De acordo com as Escrituras, a igreja será liberta através do arrebatamento, na vinda de Jesus”

Dessa maneira, nenhum dos textos usados para apoiar a ideia de que a igreja não passará pela grande tribulação está realmente dizendo isso. As Escrituras ensinam claramente que os santos de Deus passarão pela grande tribulação (Mt 24:9; Mc 13:11; Lc 21:12-19; Ap 13:14-17).¹⁹

Tribulação e livramento

A teoria do arrebatamento secreto tem capturado a imaginação de milhões de cristãos sinceros. Seu ensinamento central – que o cumprimento da 70ª semana profética de Daniel está ainda no futuro – tem por base pressuposições extrabíblicas. Semelhantemente, o ensinamento

de que a igreja não experimentará a grande tribulação poupa os seres humanos do temor e do sofrimento, mas é contrário ao que a Bíblia diz.

De acordo com as Escrituras, a igreja passará pela grande tribulação, mas será liberta através do arrebatamento, por ocasião da segunda vinda de Jesus. ▮

Referências:

¹ Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois.

² Martinho Lutero, por exemplo, disse: “Eu creio que o papa é o demônio mascarado e encarnado, porque ele é o anticristo.” *Sämtliche Schriften* (S. Louis: Concordia Pub. House, 1887), v. 23, p. 845.

³ L. R. Conradi, *The Impelling Force of prophetic Truth* (Londres: Thynne and B. Co., Ltd., 1935), p. 346.

⁴ *Ibidem*, v. 2, p. 489 a 493.

⁵ *An Enquiry Into the Grounds on Which the prophetic Period of Daniel and St. John has been supposed to Consist of 1260 Years*, 2ª ed., (Londres, 1837), p. 2.

⁶ Walter A. Elwell, *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1984), p. 292.

⁷ Essa visão ignora completamente a natureza condicional de muitas profecias do Antigo Testamento (Dt. 28:1, 15; Jr 4:1; 18:7-10).

⁸ Mal Couch (editor), *Dictionary of Premillennial Theology: A Practical Guide to the People, Viewpoints and History of Prophetic Studies* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1996), p. 346.

⁹ Irineu, *Against Heresies* 5.25.3, v. 1, p. 554.

¹⁰ J. Dwight Pentecost, *Things to Come* (Grand Rapids: Zondervan, 1958), p. 247.

¹¹ Nenhuma das supostas profecias com vácuos, enumeradas por Pentecost, são tempos proféticos. Todas elas estão baseadas na ideia de que as profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel deverão ser cumpridas literalmente no futuro.

¹² W. H. Shea, *Daniel 7-12* (Nampa, Idaho: Pacific Press Pub. Association, 1996), p. 75, 76.

¹³ No pensamento dispensacionista, a morte de Cristo não ocorre dentro das 70 semanas. “A extinção do Messias tem lugar apenas uns poucos dias após terminada a 69ª semana” (J. Dwight Pentecost, *Op. Cit.*, pág. 248), e cerca de dois mil anos antes do início da 70ª semana, algum dia no futuro.

¹⁴ *Ibidem*, p. 237.

¹⁵ John Stott, *Romans* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994), p. 146; Charles Wanamaker, *Commentary on 1 & 2 Thessalonians* (Grand Rapids, MI.: Wm. B. Eerdmans Pub., 1990), p. 88.

¹⁶ W. F. Arndt, e F. W. Gingrich, “Téreo”, *A Greek-English Lexicon* (Chicago: University of Chicago Press, 1979).

¹⁷ *Ibidem*, “Ek”.

¹⁸ *Ibidem*, “Apo”.

¹⁹ Dizer que esses textos se referem ao remanescente judeu e não à igreja (J. Pentecost, *Op. Cit.*, p. 278 e 238) é argumentar com base na hipótese de que Deus cumprirá literalmente Suas profecias relacionadas a Israel.



O fenômeno 2012

A grande expectativa do fim do mundo em dezembro de 2012 se deve às especulações dos adeptos da Nova Era

No passado distante, uma civilização poderosa dominou as paisagens de um vasto território que ia desde os planaltos de Honduras e Guatemala, passando por Belize, até o sul do México. Reunindo muitos grupos étnicos diferentes com uma herança cultural comum, esses povos tiveram seu período clássico de 250 a 900 d.C. Seu esplendor ficou marcado em cidades como Piedras Negras, Palenque, Tikal, Yaxchilán, Copán e Uxmal.

Mas então, no século 16, os conquistadores espanhóis invadiram suas terras e usaram uma tecnologia militar mais avançada para reduzir a escombros essa civilização. Hoje, a região é habitada por uns seis milhões de descendentes desses povos,

com níveis diferentes de integração com as culturas modernas.

Maia é o nome dessa civilização lendária, que fascina tantos arqueólogos, antropólogos e místicos. Ao que parece, a palavra “maia” foi derivada do nome da cidade pós-clássica de Mayapán.

Agora, aproximadamente 500 anos após seu aniquilamento quase total, os maias estão de volta no imaginário popular. Dessa vez, o motivo é o suposto fim do atual ciclo planetário que, segundo o calendário maia, ocorrerá no dia 21 de dezembro de 2012. O interesse por essa data se tornou um fenômeno e deu origem a um amontoado de especulações. Há uma avalanche de artigos, livros, teses, filmes e *sites* tratando do assunto.

As predições

O que pode acontecer em 2012 para justificar tanto “barulho”? Entre outras coisas, os adeptos do calendário maia pintam os seguintes cenários:

- ▣ A atividade solar chegará a um nível extremo, e as erupções terão impacto sobre nosso planeta.

- ▣ Haverá desastres naturais em uma escala sem precedentes, incluindo grandes mudanças climáticas.

- ▣ Ocorrerá uma inversão dos polos magnéticos da Terra.

- ▣ A data pode marcar o início de uma nova era do gelo.

- ▣ Habitantes de planetas míticos invadirão nossa galáxia.

- ▣ Teremos acesso direto a uma poderosa fonte de energia magnética no centro da Via Láctea, o que trará imensos efeitos sobre a Terra.

- ▣ O Sol se alinhará com a Via Láctea, num ciclo conhecido como precessão dos equinócios.

- ▣ O fim do calendário maia marca o fim dos tempos, e o mundo será destruído.

- ▣ Trata-se do início de um período de mil anos de paz.

- ▣ A humanidade entrará em uma nova fase de iluminação e espiritualidade.

Em resumo, na concepção dos milenaristas aficionados por 2012, o calendário maia prevê o caos total no planeta. Suas predições seriam confirmadas por evidências do Código da Bíblia e as profecias de Nostradamus. Os que misturam teorias maias e ensinamentos cristãos dizem que Cristo voltará em 2012.

Outros apocalípticos não prognosticam o fim do mundo, mas falam em uma era de transformação espiritual. Para Gregg Braden, autor do livro *Fractal Time*, nosso planeta está sob a influência de grandes ciclos de tempo. O tempo, como uma onda que se move para o futuro, seria uma sucessão de ciclos, dentro de ciclos, e as sementes das coisas que acontecem hoje foram plantadas no passado (os padrões dessas sementes são os fractais). O ciclo atual, que termina em 21 de dezembro de 2012,

seria um período de 5.125 anos ligado a um evento astronômico que ocorreu em 3114 a.C.

O que há de verdade nessas teorias? O que o calendário maia, de fato, prediz? Qual é a importância desse registro astronômico?

O calendário

Para começar, devemos reconhecer que os antigos maias eram obcecados pelos calendários e tinham um modo complexo de contar o tempo. O calendário astronômico, chamado *haab*, tinha 365 dias e tomava por base o ciclo anual do Sol. Já o calendário ritual (sagrado), chamado *tzolkin*, tinha 260 dias e se fundamentava no ciclo de Vênus. A combinação desses calendários formava um ciclo de 52 anos conhecido como “roda calendárica”, ou roda do calendário. A roda era usada tanto para medir o tempo quanto para propósitos sagrados, como a adivinhação. Nesse calendário, cada dia estava sob a influência de uma combinação peculiar de divindades. Por isso, acreditava-se que essa combinação no dia do nascimento de uma pessoa determinava seu destino.

Segundo William Brito Sansores, da Universidade de Yucatán, os maias usavam três tipos de anos: (1) o *haab*, ou ano civil de 365 dias, que era formado por 18 *uinais* (período de 20 dias) mais cinco dias *aciagos* (“dias de má sorte” ou “sem nome”) do *uyaeb*; (2) o ano *tun*, de 360 dias, formado por 18 *uinais*, sem incluir o *uyaeb* para completar o ano *haab* do calendário civil; e (3) o ano sagrado de 260 dias, formado por 13 *uinais*. Na contagem maia, 20 dias equivalem a um *uinal*, 18 *uinais* (360 dias) formam um *tun*, 20 *tuns* (7.200 dias) perfazem um *katun* e 20 *katuns* (144 mil dias) correspondem a um *baktun*. Inscrições maias indicariam a mudança para uma nova ordem após 13 *baktuns* (1.872.000 dias).

A profecia referente a 21 de dezembro de 2012 tem por base o fim do calendário mesoamericano de contagem longa, que começa em uma data equivalente a 11 de agosto de

3114 a.C. Não está claro por que essa data (3114) foi escolhida como o ano zero, mas os motivos estariam ligados aos ciclos astronômicos e ao surgimento dos próprios maias. Como se sabe, os maias tinham grande interesse por astronomia e eventos cósmicos. Esse ano zero marcaria o fim do mundo antigo e o início do atual. Assim, na concepção maia, o dia 21 de dezembro de 2012 não é o fim do mundo, mas apenas o início de um novo *baktun* (13.0.0.0.0).

John Major Jenkins, um pesquisador academicamente mais sério do que a maioria dos interessados pelo assunto, levantou a hipótese de que os maias, na verdade, usaram o fim do grande ciclo em 2012 como o ponto de partida ou a data “zero” da contagem longa. Em seu livro *Maya Cosmogonias 2012*, ele reconstrói complicados conceitos astronômicos dos maias. Trabalhando com ampla análise interdisciplinar, Jenkins propõe que os astrônomos maias estabeleceram a data do solstício de 2012 após observar que, nesse dia, haveria um alinhamento entre o Sol e a galáxia da Via Láctea. Esse fato não tinha apenas interesse astronômico, mas religioso e cósmico. Na mitologia maia, esse alinhamento era concebido como a união do princípio masculino (o solstício do Sol em dezembro) com o princípio feminino (o centro da Via Láctea).

Jenkins explica que o ponto de encontro do Sol com a Via Láctea, através de uma fenda escura, chamada pelos modernos maias de *xibalba be* (“o caminho para o submundo”), seria um fator-chave para entender a metáfora do renascimento associada com a data de 2012, pois essa característica é concebida como o canal de nascimento da Grande Mãe (a Via Láctea). Na simbologia maia, o Sol renasce diariamente na alvorada, anualmente no solstício e, em termos de eras mundiais, no alinhamento com o plano galáctico (em 21 de dezembro de 2012). Essa “cosmologia galáctica”, como o autor a chama, tinha muitas implicações para os mitos, os rituais e os costumes dos maias.

Se os astrônomos maias tinham todo esse conhecimento sofisticado sobre solstícios e alinhamento do Sol com a Via Láctea, é outra história. Mas os argumentos de Jenkins parecem plausíveis, embora ele tenha alguns críticos categorizados, como Anthony Aveni, conhecido estudioso da cultura maia. Pelo que sabemos, os maias eram peritos em observar e registrar o movimento das estrelas.

O fato de pesquisadores como Jenkins, aparentemente, terem decifrado alguns mistérios da cultura maia não significa que as previsões atribuídas aos maias sejam reais ou estejam corretas. De maneira geral, os eruditos das principais universidades criticam até mesmo a ideia de que o calendário maia termine em 2012.

“Não há nada em qualquer profecia maia, asteca ou da antiga Mesoamérica que sugira que eles profetizaram algum tipo de mudança grande ou súbita em 2012”, diz Mark Van Stone, outro estudioso da cultura maia. “A noção de que um ‘grande ciclo’ vai chegar ao fim é uma invenção completamente moderna.” Segundo ele, “os profetas maias não nos contam nada sobre alinhamentos galácticos, transformações da consciência, queda de nações, nem mesmo as ações de deuses, reis ou sacerdotes”.

Na verdade, fora os monumentos e as inscrições, não há muitas fontes primárias sobre o mundo maia. Existem poucos textos antigos porque os conquistadores os destruíram, no século 16. Em julho de 1562, em especial, o bispo de Yucatán, Diego de Landa, ordenou a queima de centenas de volumes dos sacerdotes maias, num auto de fé. Além disso, ele determinou que o uso daquela “escrita demoníaca” seria punido com a morte.

Em 1566, ao retornar para a Espanha, esse mesmo bispo escreveu um relatório intitulado *Relación de las Cosas de Yucatán* para justificar sua ação repressiva. Ironicamente, esse relatório, que

ficou esquecido por quase três séculos e foi redescoberto em 1863, acabou servindo de fonte para os estudiosos da cultura maia.

Da vasta literatura pré-colombiana, sobram alguns códices (códex de Dresden, códex de Madrid, códex de Paris) e textos “puros” como o *Popol Vuh* (um livro de lendas, hoje guardado numa biblioteca em Chicago) e *Chilam Balam* (coleção de almanaques escritos por um lençário sacerdote/profeta chamado Balam). Há passagens no *Chilam Balam* que podem se referir ao fim de um ciclo em nossa época, mas existe controvérsia quanto à sua interpretação.

De acordo com Robert Sitler, o fenômeno 2012 não se deve basicamente aos descendentes dos maias, mas aos adeptos da Nova Era. “Alguns entusiastas da Nova Era têm, seletivamente, se apropriado de elementos da cultura maia, às vezes em colaboração com vários especialistas religiosos maias contemporâneos, que emprestam um sabor indígena autoritativo às diversas teorias milenárias associadas a 2012”, ele comenta. Em outras palavras, os maiores defensores do calendário maia hoje nem são os maias, mas espiritualistas sincretistas que desejam promover sua agenda religiosa.

Em muitos casos, ao formar teorias sobre o calendário maia, a imaginação voa livremente pela geografia e a mitologia. Por exemplo, há quem defenda que os maias receberam seu calendário dos habitantes de Atlântida! Esse tipo de especulação não leva a lugar nenhum, a não ser ao engano e à contrafação. Precisamos fundamentar nossa crença em terreno mais sólido.

Revelações confiáveis

A experiência mostra que essas projeções sobre o fim nunca funcionam. Com a passagem do ano 2000, muita gente profetizou que o mundo iria acabar, ou pelo menos haveria um caos total no âmbito digital, com uma pane generalizada dos compu-

tadores. Os norte-americanos chamaram o fenômeno de Y2K. O ano 2000 chegou, foi embora e nada de excepcional aconteceu. O mesmo pode ser esperado de 2012.

O ser humano ora tem a tendência de crer demais, ora de crer de menos. No caso do fenômeno 2012, o misticismo tem levado milhares de pessoas a buscar sentido para os acontecimentos e a vida em supostas revelações antigas. Contudo, essas revelações não existem, ou não têm credibilidade.

A Bíblia, que é a fonte segura de revelação para a humanidade, indica que o fim do mundo está próximo. Porém, não diz quando isso ocorrerá. Ao contrário, Jesus advertiu que ninguém sabe o dia nem a hora do encerramento deste ciclo, senão o Pai (Mt 24:36). Existem paralelos entre algumas teorias maias e as profecias bíblicas a respeito do futuro do mundo, como um período de catástrofes e o início de uma nova era, mas as diferenças são maiores.

Se alguém quiser realmente conhecer a silhueta do futuro, em vez de recorrer à mitologia maia, deve estudar a profecia hebraica. O calendário bíblico é menos preciso na indicação do fim, mas é confiável. Se depender dele, 21 de dezembro de 2012 será apenas o solstício de inverno no hemisfério norte. O início de uma nova era virá, mas somente depois que o próprio Criador do tempo e dos calendários surgir no espaço e colocar fim ao ciclo atual. ■

Fontes:

Anthony F. Aveni, *The End of Time: The Maya Mystery of 2012* (Boulder: University Press of Colorado, 2009).

Gregg Braden, *Fractal Time: The Secret of 2012 and a New World Age* (Carlsbad: Hay House, 2009).

John Major Jenkins, *Maya Cosmogenesis 2012* (Santa Fe: Bear & Company, 1998).

Mark Van Stone, “2012 FAQ (Frequently Asked Questions)”, disponível em <http://www.famsi.org/research/vanstone/2012/faq.html>.

Robert K. Sitler, “The 2012 Phenomenon: New Age Appropriation of an Ancient Mayan Calendar”, *Nova Religio* 9 (2006), p. 24-38.

William Brito Sansores, “Interpretation of a Sacred Calendar of the Dresden Codex”, *Latin American Indian Literatures Journal* 2 (1986), p. 66-75.



Professor de Teologia,
falecido em março de 2011

A última batalha

“Então, os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico, é chamado Armagedom”

O termo “Armagedom” ocorre apenas uma vez no livro do Apocalipse: “Então, os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico, é chamado Armagedom” (Ap 16:16). Os intérpretes costumam traduzir esse nome como “Montanha de Megido”, mas isso não indica o real significado da palavra *Megido* ou *Magedon* (*Mageddon*), como os manuscritos gregos do Apocalipse o fazem. A versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, transcreve o nome da cidade de Megido como Mageddo (2Cr 35:22; Jz 1:27; Js 12:21). Mas em uma ocasião ela parafraseia a expressão “a planície de Megido” como “a planície da matança” ou destruição (Zc 12:11).

O nome *Har-Megedon*, no original grego de Apocalipse 16:16, indica a natureza do evento que terá lugar quando os espíritos demoníacos reunirem todos os poderes políticos do anticristo contra Deus e o povo de Cristo. Segundo a providência de Deus, seu destino será a extinção. Por isso, Isbon T. Beckwith conclui: “Ele é então um nome imaginário para designar a cena da grande batalha entre o anticristo e o Messias.”¹

Robert H. Mounce vê o Armagedom como o clímax da história da salvação: “Seja onde ocorrer, o Har-Magedon é simbólico da sub-

versão final de todas as forças do mal pelo poder de Deus. O grande conflito entre Deus e Satanás, Cristo e o anticristo, o bem e o mal, que está por trás do desconcertante curso da História, findará na luta em que Deus sairá vitorioso e levará consigo todos os que nEle puseram sua fé.”²

Figuras do Armagedom

Com relação ao fundo histórico da cidade de Megido, os expositores se referem principalmente à histórica guerra de Israel contra os reis de Canaã, comemorada no cântico de Débora (Jz 5). Quando a situação de Israel era sem defesa e sem esperança contra Sísera (Jz 4:13), o Senhor interveio do Céu mediante chuva torrencial, de forma que “o rio Quisom os levou” (Jz 5:19-21). Leon Morris e outros veem essa vitoriosa guerra de Jeová como “um símbolo da derrota final de todas as forças do mal por um Deus todo-poderoso”.³

Isso levanta a questão de quão importantes são as guerras de Jeová na Bíblia hebraica. Se o Armagedom é a luta divina final contra Seus inimigos declarados, então as batalhas prévias de Jeová funcionam como tipos ou prefigurações de Seu conflito apocalíptico. Os atos divinos de juízo e salvação são basicamente um em natureza e propósito em todos os tempos.

O cântico de Débora apontou para o futuro, quando concluiu com uma passagem contendo perspectiva apocalíptica: “Assim, ó Senhor, pereçam todos os Teus inimigos! Porém os que Te amam brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor” (v. 31).

Porém, o Armagedom será diferente de seus tipos no Antigo Testamento porque toda a população mundial se dividirá entre aqueles que são o povo do novo concerto e aqueles que são seus inimigos declarados.

Contexto apocalíptico

“Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso. Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha. Então, [os três espíritos] os ajuntaram no lugar que, em hebraico, se chama Armagedom” (Ap 16:13-16).

Essa seção registra uma visão distinta, que parece interromper o fluxo entre a sexta e a sétima pragas. Podemos entender o interlúdio com uma descrição de como os espíritos demoníacos preparam o mundo para a última guerra divina. Visões subsequentes explicam mais especificamente que o Armagedom é a

confrontação final entre a Babilônia dos últimos dias e o Messias (ver Ap 17:14; 19:11-21).

Mounce explica que “os espíritos imundos procedem das bocas do ímpio triunvirato, sugerindo uma propaganda enganadora e persuasiva que, nos últimos dias, levará os homens a um comprometimento incondicional com a causa do mal”.⁴

O texto diz: “Eles se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso” (Ap 16:14). Alguns entendem que essas palavras predizem um conflito mundial entre as nações do Oriente e do Ocidente. Tal especulação pode ser defendida apenas quando se retira a passagem de seu contexto.

“Cristo convoca Seus seguidores para que estejam espiritualmente preparados para o momento crítico e final da História”

O clímax do Apocalipse trata de um mal muito mais sério à vista de Deus: forças religiosas apostatadas levarão todos os poderes políticos da Terra a se unir numa causa comum, movendo guerra contra o povo de Deus! Essa é “a causa do mal” que provocará o envolvimento de Deus e o juízo de Sua guerra santa contra Babilônia. Guerra contra Deus é guerra contra Seu povo. Essa sempre foi a experiência do Israel de Deus nas Escrituras e a razão da intervenção divina para livrar o povo fiel do concerto. O fato de o povo de Cristo estar no centro da guerra apocalíptica pode ser inferido na advertência de Jesus: “Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha” (Ap 16:15).

Cristo convoca Seus seguidores para que estejam espiritualmente preparados para o momento crítico e final da História. Somente quan-

do o cristão estiver revestido dos trajes da justiça de Jesus, poderá ficar firme no derradeiro teste de fé. Beckwith destaca a questão religiosa do Armagedom: “O ajuntamento de todas as forças da besta para a batalha dará início à suprema crise para os santos.”⁵ Inspirada por Satanás, a união de todos os poderes políticos e religiosos volta-se contra o povo de Cristo. Podemos ver seu significado somente à luz da batalha cósmica entre Deus e Satanás, entre Cristo e o anticristo. Mervyn Maxwell conclui que “a batalha do Armagedom não será a Terceira Guerra Mundial, porque no Armagedom os reis da Terra são reunidos pelos demônios para lutar não uns contra os outros, mas contra o Cordeiro”.⁶

A grande questão é: Quem governará o Universo? A grande controvérsia começou no Céu e continuou na Terra a partir da queda de Adão (Ap 12:7-9; Gn 3:15). Os anjos caídos constantemente reúnem líderes políticos e militares para destruir a igreja de Cristo. Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com Ele” (Ap 17:14).

O livramento

De que maneira os reis da Terra farão guerra contra o Cordeiro de Deus? George B. Caird explica: “O único modo pelo qual os reis terrenos podem travar batalha contra o Cordeiro é através de Seus seguidores. A guerra é, portanto, outra referência à grande perseguição.”⁷ No início, João indicou a perseguição apocalíptica do Israel de Deus por meio de novas leis estatais: “Trouxe-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17).

A visão do Armagedom em Apocalipse 19, bem como do segundo advento de Cristo, revela a resposta de Deus à conspiração satânica contra Seu povo. Aqui o revelador

representa Cristo como o guerreiro divino, montando um cavalo branco de batalha, vindo para resgatar Seu povo (Ap 19:11-19) e executar juízo sobre os ímpios (Sl 2:9; Is 11:4; 2Ts 1:5-10). O nome “Fiel e Verdadeiro” (Ap 19:11) é a garantia de que Cristo não falhará em retornar na hora de emergência universal. Ele é fiel e cumprirá Suas promessas com arrebatadora magnificência e o brilho flamejante de Sua aparência.

O Apocalipse focaliza a real questão da grande controvérsia: “Vi a besta e os reis da Terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra Aquele que estava montado no cavalo e contra o Seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta... Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre” (Ap 19:19, 20). Assim, o Armagedom é resultado da apostasia universal contra Deus e Cristo. Nenhum conflito político ou militar entre nações ocidentais e orientais preenche a condição fundamental para o Armagedom.

Essa será “a batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso”, a última praga a cair sobre Babilônia. Aqueles que desejarem deixar a cidade sentenciada precisam fazê-lo antes que as pragas comecem a cair e encerrar-se o tempo de graça para a humanidade. Deus, em Sua providência, proveu um chamado final para o escape de Babilônia no tempo do fim (Ap 18:2-4). Aqueles que obedecerem ao ultimato divino farão parte do Seu povo remanescente. Para eles, o Armagedom será o dia do livramento! ■

Referências:

¹ Isbn T. Beckwith, *The Apocalypse of John* (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 685.

² Robert H. Mounce, *The Book of Revelation, The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 302.

³ Leon Morris, *The Revelation of St. John*, Tyndale NT Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), p. 200.

⁴ Robert H. Mounce, *Op. Cit.*, p. 299.

⁵ Isbn T. Beckwith, *Op. Cit.*, p. 684.

⁶ C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), p. 459.

⁷ George Caird, *The Revelation of St. John the Divine* (Nova York: Harper and Row, 1966), p. 220.



Reitor do Salt e coordenador do Espírito de Profecia da Divisão Sul-Americana

Lar, enfim

O *Horizonte Perdido*, de James Hilton,¹ descreve o acidente de um avião que, sem combustível, é obrigado a pousar à noite entre as montanhas do Tibete. Com o impacto da aterrissagem, o piloto acaba morrendo, mas os quatro passageiros sobrevivem e são conduzidos por um grupo de tibetanos ao mosteiro lamaísta de Shangri-La. Naquele lugar, não existe o mal, a vida cresce em amor e sabedoria, e as pessoas são longevas. Mesmo alheio ao conceito bíblico de que toda a criação precisa ser “redimida do cativeiro da corrupção” (Rm 8:21), esse romance expressa uma das mais profundas aspirações do ser humano – o anseio por um mundo melhor.

Em contraste com a utopia de Shangri-La, a esperança cristã de “novos céus e nova Terra” (2Pe 3:13) se fundamenta na Palavra de Deus. (Ap 21:1-4).

Mas o acesso ao novo céu e à nova Terra de perene felicidade passa pelo caminho da cruz (Mc 8:34); pois “somente pela graça imerecida de Cristo alguém pode ter entrada na cidade de Deus”.² Por isso, toda mensagem bíblica aponta para o Cristo crucificado, cujo sangue vertido na cruz no Calvário abriu um “novo e vivo caminho” de acesso a Deus (Hb 10:20), para todo o que nEle crê (Jo 3:16).

Preparo

Pela cruz, o pecador é libertado “do império das trevas” e transpor-

tado “para o reino do Filho do Seu amor” (Cl 1:13). Como cidadão do reino da graça, ele vive no mundo sem ser do mundo (Jo 17:15, 16), aguardando “uma pátria superior” (Hb 11:16). Seu maior prazer é viver “em Cristo” (2Co 5:17), tendo “a mente de Cristo” (1Co 2:16), e familiarizando-se nesta vida com os heróis de Deus que serão seus companheiros por toda eternidade. Aqueles que serão levados para o Céu “educam sua mente de modo a estar preparados para entoar os cânticos do Céu”.³ Vivem tão familiarizados com a atmosfera celestial que o próprio Céu não lhes será um lugar estranho; pois os que “querem ser santos no Céu precisam ser primeiro santos na Terra”.⁴

Em Sua oração sacerdotal, Cristo orou: “Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste” (Jo 17:24). Virá o glorioso e tão esperado dia em que Cristo despontará nas nuvens para a salvação eterna dos Seus filhos. Os justos mortos serão ressuscitados e se unirão aos justos vivos em um grande cortejo que ascenderá à nova Jerusalém. “A cidade de Deus abrirá suas portas de ouro para receber aquele que, enquanto na Terra, aprendeu a se apoiar em Deus quanto à direção e sabedoria, conforto e esperança, por entre perdas e aflições. Os cânticos dos anjos hão de festejar-lhe a entrada ali, e para ele dará seus frutos a árvore da vida.”⁵

Livres da maldição e da influência do pecado, os remidos viverão em um ambiente perfeito

Novo mundo

A filosofia grega gerou na cultura ocidental uma concepção dicotômica da realidade, contrastando a vida presente, neste mundo material e tangível, e a vida futura, no suposto mundo imaterial e etéreo das ideias. Para muitos, ainda hoje, a cruz de Cristo é “escândalo” e “loucura” (1Co 1:23); e um Céu literal, com um santuário literal, não passa de mera utopia. Em contraste com o pensamento grego, a Palavra de Deus descreve o novo Céu e a nova Terra de uma perspectiva tão real e concreta como o mundo em que vivemos, mas sem as limitações impostas pelo pecado. Ali, “nessas pacíficas planícies, ao lado daquelas correntes vivas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar”.⁶

Livres da maldição e da influência do pecado, os remidos viverão em um ambiente perfeito, onde flores não mais murcharão e animais não mais serão ferozes (Is 65:17-25). Deus enxugará “toda lágrima” (Ap 21:4), e nunca mais se ouvirá na cidade de Deus “nem voz de choro nem de clamor” (Is 65:19). Ali “não haverá lembrança das coisas passadas” (Is 65:17), não no sentido de absoluta amnésia, mas de lembranças negativas que roubem a felicidade

dos remidos. O cântico dos remidos traz à lembrança o juízo divino sobre “a grande meretriz que corrompia a Terra com sua prostituição” e a forma pela qual Deus “vingou o sangue dos Seus servos” (Ap 19:1-3).

No Céu, “os remidos conhecerão como são conhecidos.⁷ Mesmo não se casando nem se dando “em casamento” (Mt 22:30), os vínculos familiares e de amizade não serão desfeitos. É-nos assegurado que, na manhã da ressurreição, criancinhas serão “levadas pelos santos anjos aos braços de suas mães” e “amigos há muito separados pela morte, reúnem-se, para nunca mais se separarem”.⁸ Ali estarão reunidos os salvos de todas as épocas e todos os lugares.

No diálogo entre os remidos, surgirão expressões de gratidão àqueles que os conduziram a Cristo. Alguns dirão: “Eu era pecador, sem Deus e sem esperança no mundo; e você se aproximou de mim, e atraiu minha atenção para o precioso Salvador, como minha única esperança. E eu cri nEle. Arrependi-me de meus pecados, e foi-me dado assentar juntamente com Seus santos nos lugares celestiais em Cristo Jesus.” Outros dirão: “Eu era pagão, em terras pagãs. Você deixou seu lar confortável e veio me ajudar a encontrar Jesus, e a crer nEle como o único Deus verdadeiro. Destruí meus ídolos e adorei a Deus, e agora O vejo face a face. Estou salvo, eternamente salvo, para ver perpetuamente Aquele a quem amo. Então eu O via apenas com os olhos da fé, mas agora vejo-O como Ele é. É-me dado agora expressar Àquele que me amou, e me lavou dos pecados em Seu sangue, minha gratidão por Sua redentora misericórdia.”⁹

Então, “todo remido compreenderá a atuação dos anjos em sua própria vida. Que maravilha será entreter conversa com o anjo que foi o seu guardador desde os seus primeiros momentos, que lhe vigiou os passos e cobriu a cabeça no dia de perigo, que o protegeu no vale da sombra da morte, que assinalou seu lugar de

repouso, que foi o primeiro a saudá-lo na manhã da ressurreição, e dele aprender a história da interposição divina na vida individual, e da cooperação celestial em toda a obra em favor da humanidade”.¹⁰

Nenhuma estrutura terrestre pode ser comparada ao santuário celestial (Hb 8:2; Ap 11:19), onde está o trono de Deus. É-nos dito que os salvos adorarão “diante do trono de Deus”, servindo-O “de dia e de noite no Seu santuário” (Ap 7:15; cf. Ap 21:22). Ellen White acrescenta: “Oh! Que felicidade desfrutaremos nós, reunidos em volta do trono, envoltos nas vestes brancas da justiça de Cristo. Não mais tristeza, não mais separação, e, sim, habitar em paz, habitar em felicidade, habitar em glória por todos os intermináveis séculos da eternidade!”¹¹

Mas o supremo privilégio dos salvos será ver o próprio Deus face a face. O apóstolo João afirma que, “quando Deus Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-Lo com Ele é” (1Jo 3:1-3); e que os servos de Deus “O servirão” e “contemplarão a Sua face” (Ap 22:3, 4). Cristo assegurou: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8).

Explorando o Universo

Os remidos de Deus terão o privilégio de explorar o infinito Universo. “Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes – mundos que fremiram de tristeza ante o espetáculo da desgraça humana, e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma pessoa resgatada. Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua

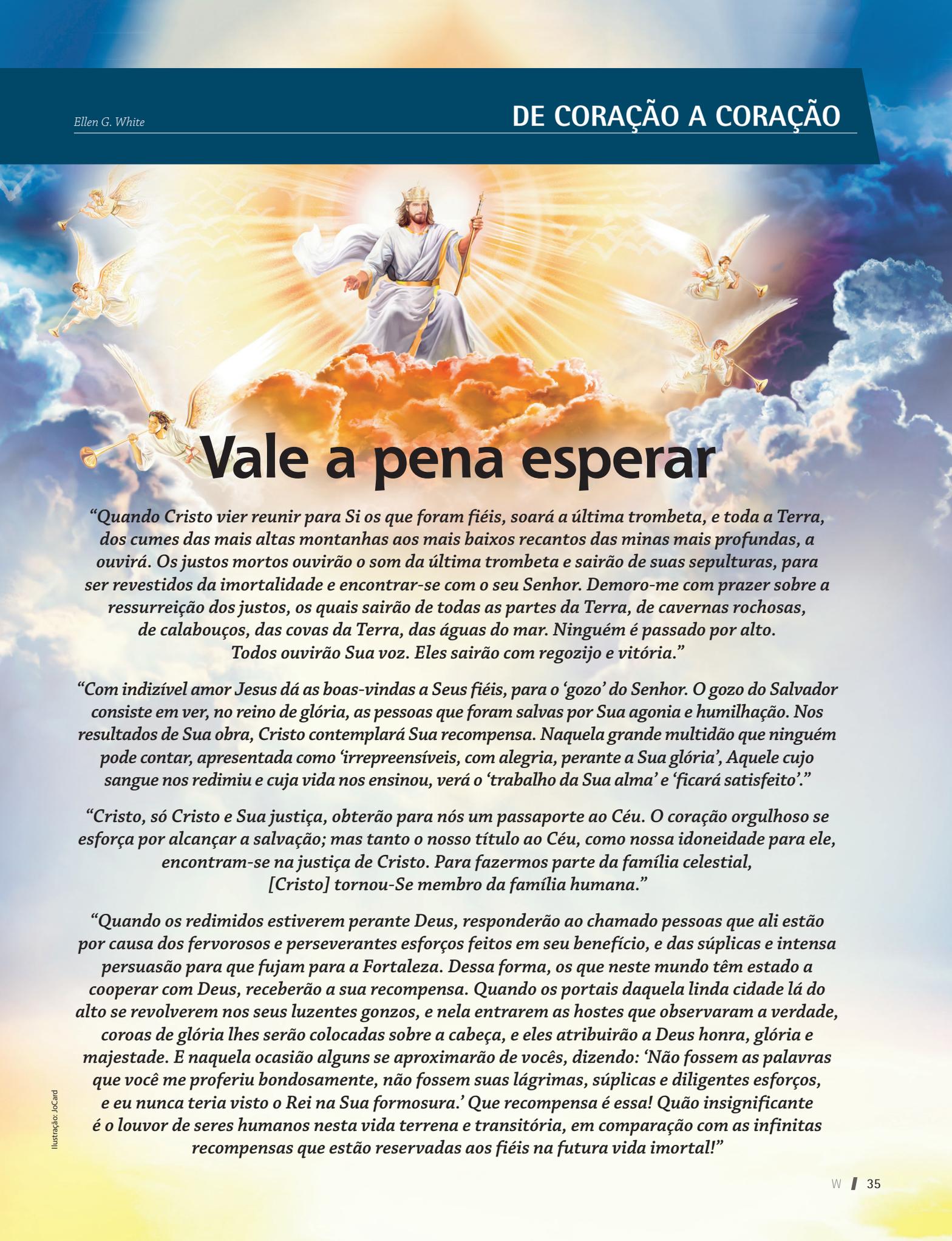
indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade.”¹²

Os mistérios da vida serão estudados em maior profundidade. Mas o objeto supremo de estudo será o amor de Deus revelado no plano da salvação. “A cruz de Cristo será a ciência e cântico dos remidos por toda a eternidade... Jamais será esquecido que Aquele cujo poder criou e manteve os inumeráveis mundos através dos vastos domínios do espaço, o Amado de Deus, a Majestade do Céu, Aquele a quem querubins e resplendentes serafins se deleitavam em adorar – humilhou-Se para levantar o homem decaído; que Ele suportou a culpa e a ignomínia do pecado e a ocultação da face de Seu Pai, até que as misérias de um mundo perdido Lhe quebrantaram o coração e aniquilaram a vida na cruz do Calvário. O fato de o Criador de todos os mundos, o Árbitro de todos os destinos, deixar Sua glória e Se humilhar por amor do homem, despertará eternamente a admiração e a adoração do Universo.”¹³

Todas as evidências demonstram que “o grande conflito vai se aproximando do fim. Toda notícia de calamidade em terra ou mar é testemunho do fato de que está às portas o fim de todas as coisas. Guerras e rumores de guerra o declaram... Haverá um só cristão cuja pulsação não se acelere ao prever os acontecimentos que se iniciam perante nós? O Senhor vem. Ouvimos os passos de um Deus que Se aproxima!”¹⁴ ■

Referências:

- ¹ James Hilton, *Horizonte Perdido* (Rio de Janeiro: Record, s/d).
- ² Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 394.
- ³ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 265.
- ⁴ _____, *Eventos Finais*, p. 295.
- ⁵ _____, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 100.
- ⁶ _____, *O Grande Conflito*, p. 675.
- ⁷ *Ibid.*, p. 677.
- ⁸ *Ibid.*, p. 645.
- ⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 311.
- ¹⁰ _____, *Educação*, p. 305.
- ¹¹ _____, *Este Dia com Deus* (MM 1980), p. 331.
- ¹² Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 677, 678.
- ¹³ *Ibid.*, p. 651.
- ¹⁴ Ellen G. White, *Maranata – O Senhor Vem!* (MM 1977), p. 360.



Vale a pena esperar

“Quando Cristo vier reunir para Si os que foram fiéis, soará a última trombeta, e toda a Terra, dos cumes das mais altas montanhas aos mais baixos recantos das minas mais profundas, a ouvirá. Os justos mortos ouvirão o som da última trombeta e sairão de suas sepulturas, para ser revestidos da imortalidade e encontrar-se com o seu Senhor. Demoro-me com prazer sobre a ressurreição dos justos, os quais sairão de todas as partes da Terra, de cavernas rochosas, de calabouços, das covas da Terra, das águas do mar. Ninguém é passado por alto. Todos ouvirão Sua voz. Eles sairão com regozijo e vitória.”

“Com indizível amor Jesus dá as boas-vindas a Seus fiéis, para o ‘gozo’ do Senhor. O gozo do Salvador consiste em ver, no reino de glória, as pessoas que foram salvas por Sua agonia e humilhação. Nos resultados de Sua obra, Cristo contemplará Sua recompensa. Naquela grande multidão que ninguém pode contar, apresentada como ‘irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória’, Aquele cujo sangue nos redimiu e cuja vida nos ensinou, verá o ‘trabalho da Sua alma’ e ‘ficará satisfeito’.”

“Cristo, só Cristo e Sua justiça, obterão para nós um passaporte ao Céu. O coração orgulhoso se esforça por alcançar a salvação; mas tanto o nosso título ao Céu, como nossa idoneidade para ele, encontram-se na justiça de Cristo. Para fazermos parte da família celestial, [Cristo] tornou-Se membro da família humana.”

“Quando os redimidos estiverem perante Deus, responderão ao chamado pessoas que ali estão por causa dos fervorosos e perseverantes esforços feitos em seu benefício, e das súplicas e intensa persuasão para que fujam para a Fortaleza. Dessa forma, os que neste mundo têm estado a cooperar com Deus, receberão a sua recompensa. Quando os portais daquela linda cidade lá do alto se revolverem nos seus luzentes gonzos, e nela entrarem as hostes que observaram a verdade, coroas de glória lhes serão colocadas sobre a cabeça, e eles atribuirão a Deus honra, glória e majestade. E naquela ocasião alguns se aproximarão de vocês, dizendo: ‘Não fossem as palavras que você me proferiu bondosamente, não fossem suas lágrimas, súplicas e diligentes esforços, e eu nunca teria visto o Rei na Sua formosura.’ Que recompensa é essa! Quão insignificante é o louvor de seres humanos nesta vida terrena e transitória, em comparação com as infinitas recompensas que estão reservadas aos fiéis na futura vida imortal!”

2012 ano da GRANDE ESPERANÇA



Edição internacional com
mais de 100 milhões
de exemplares

Prepare com antecedência!

1. Reavivamento e reforma – 10 de março

Convoque seus líderes e membros a orar e jejuar em favor do Evangelismo Integrado e para um reavivamento e reforma. Organize uma vigília diurna nesse dia.

2. Impacto Esperança – 24 de março

Crie projetos para que os exemplares do livro *A Grande Esperança* cheguem ao maior número possível de pessoas! Mapeie todo o seu território.

3. Amigos da Esperança e Lares de Esperança – 31 de março

Faça todos os preparativos para o Dia dos Amigos da Esperança. Incentive a igreja a levar seus amigos para uma refeição nos Lares de Esperança. Torne sua igreja mais receptiva.

4. Evangelismo na Semana Santa – 1º a 8 de abril

Organize o programa. No início da semana, preferencialmente nos lares em pequenos grupos, e de sexta a domingo, conclua o programa na igreja.

5. Evangelismo via satélite e web – 17 a 24 de novembro

Transforme sua congregação em ambiente ideal para a transmissão de mensagens com o Pr. Alejandro Bullón.

6. Plantio de novas igrejas

Coordene equipes que vão ajudar em diferentes áreas a estabelecer uma nova congregação em sua região. Envolver-se pessoalmente nesse projeto!



www.esperanca.com.br

Materiais e informações: portaladventista.org

